

Herculano Pires
No Limiar do Amanhã
(Lições de Espiritismo)



Conteúdo resumido

José Herculano Pires, “o metro que melhor mediu Kardec”, como bem definiu Emmanuel, apresentou na Rádio Mulher de São Paulo o programa *No Limiar do Amanhã*, constituído por aulas de Doutrina Espírita.

Algumas dessas aulas são apresentadas neste livro. Assuntos os mais diversos, como: “Os Espíritos e os micróbios”, “Xifópagos”, “Morte por assassinato”, “O médium Arigó”, “Magia, exorcismo e obsessão”, “O apocalipse”, “A transição da Terra”.

São valiosas lições de Espiritismo, em linguagem simples, clara e objetiva, que certamente enriquecerão os conhecimentos dos leitores sobre os mais diversos assuntos relativos à doutrina.

Prefácio – Um convite para ler Herculano	5
Apresentação	7
Tudo renasce (Editorial).....	9
Fluido e fluído	12
A evolução do Espírito	13
A busca da Verdade.....	15
Deus.....	17
A comunicação com Deus	20
Os mundos habitados	23
Mundos sem vida	26
A cura pela prece.....	29
O Evangelho no Lar	31
A Terceira Revelação	32
O fermento dos fariseus.....	36
A força do pensamento.....	38
A Alma	40
Os Espíritos e os micróbios	43
Deus e a ordem.....	44
A existência de Jesus	46
Ascensão de Jesus	49
Comunicações espíritas	51
O processo de comunicação	55
As manifestações espíritas e a Ciência.....	56
Somos Espíritos.....	57
Santos e demônios	59
Curas de Jesus	61
Exorcismo	63
Espiritismo e loucura.....	64
Xifópagos	66
Natimortos	68
Morte	70
Morte por assassinato	73
Ressurreição espiritual	75
Iniciação espírita	77
O sofrimento.....	80
Os caminhos da salvação.....	82

Romances Barrabás, Lázaro e Madalena.....	85
Mediunidade e Lei de Causa e Efeito	88
Os médiuns e as doenças	92
O médium Arigó.....	93
Magia, exorcismo e obsessão	94
O Apocalipse	98
A transição da Terra	101

Prefácio

Um convite para ler Herculano

O meu amigo Altamirando foi, como sempre, muito feliz na tarefa que realiza na divulgação do Espiritismo, quando resolveu organizar um livro com os programas de rádio de Herculano Pires, realizados na Rádio Mulher, de São Paulo.

Alguns indivíduos possuem as gravações dos programas de Herculano; Altamirando soube aproveitá-las publicando-as neste livro que constitui, como ele mesmo escreve, um presente magnífico. A Doutrina Espírita aparece sintetizada nas respostas inteligentes e inspiradas do professor Herculano às perguntas bem formuladas.

“O metro que melhor mediu Kardec”, como fala Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, mostra o porquê dessa afirmação do amigo espiritual, quando explica à luz da razão a síntese do processo do conhecimento, o Espiritismo; em um dos programas o professor fala sobre o conceito de perfeição, explicando como o Pai nos criou perfeitos na essência, destinados a nos expressarmos na “angelitude”, através do progresso conseguido após várias encarnações.

A apresentação de Deus, através da resposta à pergunta “se Deus seria estático (porque perfeito) ou não”, é completa. Herculano analisa filosoficamente o que é a perfeição, permitindo-nos a compreensão do conceito esclarecedor. É a incompreensão dos conceitos, diz Herculano, que causa tão grande confusão sobre o que é o Espiritismo, entre os próprios espíritas, e a dificuldade para entenderem a doutrina como o triângulo divino de Emmanuel, “Ciência, Filosofia e Religião”. Herculano nos lembra ainda Jesus: “sois deuses, sois luzes”. O irmão mais velho, Jesus, já nos apresenta como criaturas luminosas. Herculano encerra a resposta lindamente, lembrando Zoroastro: “A única imagem possível na Terra (de Deus) é a do fogo. O fogo nunca está parado, não é estático. O fogo se renova através de suas labaredas...”. Herculano diz: “Deus é um dinamismo constante. Não poderia ser, portanto, estático de

maneira alguma...”. Que segurança, clareza, objetividade, a do mestre em Filosofia, José Herculano Pires.

Nos vários programas, Herculano explica Deus e reúne as suas reflexões sobre o Criador em um livro importantíssimo, *Concepção Existencial de Deus*. Belíssimo o capítulo sobre a força do pensamento e as explicações sobre essa “energia física, mas de tipo desconhecido, porque nenhuma barreira física consegue impedi-la”. Nesse ponto Rhine não concorda com Ransiliev e diz que o pensamento é extrafísico. Herculano mostra a importância da fé raciocinada, explica o valor da prece como o pensamento positivo que “atrai para o indivíduo as melhoras imediatas”, como nos explica *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: “Deus está presente em nossa consciência e em nosso coração. Ele nos ouve, está dentro de nós. Basta dirigirmos uma prece a Ele e conseguimos realmente nos comunicarmos com o Pai Criador”. A nossa fé aumenta através das explicações de Herculano.

Altamirando, através deste livro, convida-nos a ler Herculano para dilatarmos o nosso respeito ao trabalho do grande mestre de Lyon, Allan Kardec.

São Paulo, 20 de janeiro de 2001

Heloísa Pires

Apresentação

O professor J. Herculano Pires, participando do programa *No Limiar do Amanhã*, na Rádio Mulher de São Paulo, apresentou belíssimas aulas de Doutrina Espírita, gravadas por inúmeros indivíduos em fitas cassetes. Resolvemos aproveitar o conteúdo das fitas, transportando-as para estas páginas, presenteando os leitores com o pensamento daquele que foi, certamente, o detentor da maior cultura espírita no século XX.

José Herculano Pires nasceu em 25 de setembro de 1914 em Avaré, Estado de São Paulo, e desencarnou em São Paulo, capital, em 9 de março de 1979. Publicou o seu primeiro livro, *Contos Azuis*, aos 16 anos de idade. Foi um extraordinário talento, quer como jornalista e escritor, quer como filósofo ou tradutor das Obras Básicas da Codificação Espírita, de Allan Kardec.

Em 1958 bacharelou-se em Filosofia pela Universidade de São Paulo e pela mesma licenciou-se em Filosofia, tendo publicado uma tese, intitulada: *O Ser e a Serenidade*. Foi professor de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, SP.

Autor de 81 livros de Filosofia, Ensaios, História, Psicologia, Ficção, Poesia, Espiritismo e Parapsicologia, dedicou a maioria deles ao estudo e à divulgação da Doutrina Espírita, vários em parceria com o médium Francisco Cândido Xavier.

Na década de 70, Herculano participou de inúmeros debates na televisão, inclusive na TV Cultura, em parceria com o seu amigo Jorge Rizzini, o qual produzia e apresentava naquele canal o programa de debates *Em Busca da Verdade*. Na extinta TV Tupi participou de um programa para o qual foi convidado o médium Francisco Cândido Xavier. O júri era formado por um grupo de jornalistas que se celebrizaram, juntamente com Herculano Pires: João Scantimburgo, Saulo Gomes, Almir Guimarães, Realle Júnior e Vicente Leporace.

No dia 9 de março de 1979 a imprensa paulista registrava a morte de Herculano Pires, devido a um enfarte que acusou o término de sua importante missão na Terra.

São Paulo, 20 de janeiro de 2001

Altamirando Carneiro

Tudo renasce (Editorial)

A natureza oferece-nos a lição permanente da ressurreição. A vida é uma sucessão de ciclos. Nada morre. Nada se acaba. Tudo volta na morte aparente e na ressurreição permanente. Acontece com os homens, que vão e voltam, na sucessão das gerações.

Os pregoeiros da vida única, condoídos da morte intuitiva, querem separar o homem da natureza, torná-lo criatura marginal na obra de Deus. Mas Deus nos ensina, a cada momento, que nada se acaba, que tudo se renova.

Deus planta-nos os signos das coisas, a ressurreição do dia e da noite; as estações do ano, dos séculos e dos milênios; o ritmo dos vegetais; o ciclo das águas; a rotação da Terra e dos astros.

Tudo nos lembra a renovação constante da vida que jamais perece. A relva rompe-se nas calçadas de pedra e nas lajes dos túmulos. É a vida que renasce triunfante, negando a morte.

A linguagem simbólica de Deus na natureza adverte-nos que nada se acaba, que tudo se transforma, num impulso da evolução. Uma estrela apaga-se no céu e outra nasce. Mas a visão espiritual, no seio de todas as grandes religiões, proclama em todo o mundo a ressurreição do homem, após a morte, ressuscitando o Espírito, como ensina o apóstolo Paulo, através da reencarnação.

Há duas formas de ressurreição: morremos na Terra para ressuscitarmos na vida espiritual; morremos no mundo dos Espíritos para nascermos no mundo dos homens. Cada nascimento na Terra é uma ressurreição na carne.

“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, essa é a lei”, proclamou Kardec. Hoje o problema da reencarnação é um problema da Ciência, da investigação científica, nos maiores centros culturais do mundo. Nas universidades americanas e nas universidades russas, no ocidente e no oriente, os cientistas pesquisam a reencarnação.

Você crê na reencarnação? Não perca tempo, a reencarnação não é mais uma questão restrita. Estude o problema. Pergunte a

você mesmo se é lógico, se é admissível, que tudo renasça, menos o homem. Por que motivo o homem, a mais alta conquista da evolução em nosso Planeta, seria o único ser, a única coisa destinada a perecer quando nada perece?

A cada minuto que passa, entramos no amanhã. A cada passo que damos, o passado fica para trás; estamos na grande viagem do tempo sem fim. O momento presente é o encontro entre o passado e o futuro. Quem se agarrar ao passado perderá a sua vida, a vida atual, o momento presente, carregado de oportunidades para o futuro. Não seja um retrógrado. Abandone na estrada o baú das velharias. Olhe para frente e marche para o mundo.

Mas não pense que o passado esteja perdido. Nada se perde, tudo se transforma. É do passado que nasce o presente. É do presente que nasce o futuro. Pense bem nisso. Ontem construímos o futuro de hoje. Hoje estamos preparando o que seremos amanhã. Não lamente o passado e não tenha medo do amanhã.

Na verdade, o amanhã está em suas mãos, você pode fazê-lo como quiser. Um amanhã carregado de folhas mortas ou de um verde florido, como a primavera; feche os olhos um pouco e se lembre de ontem. Veja bem: foi no ontem que você preparou o hoje. Tudo de bom que você fez ontem é a alegria e a bondade no hoje que você está vivendo. Tudo de mal que você fez ontem é a maldade do hoje que lhe atormenta.

Tudo o que você fez hoje vai modelar, daqui a pouco, o amanhã, o que você será amanhã, que chega a cada instante. Nada se perde. Tudo se transforma, em nossas mãos. Não tenha medo de você. Pense no Mestre e Senhor. Porque Ele disse: “Quem se apega à sua vida, perdê-la-á. E quem a perder por amor de mim, encontrá-la-á.”

Guarde no caminho o baú das velharias. O caminho de hoje está cheio de esperanças. Colha no hoje as flores do amanhã. Não alimente as nuvens de desgraça e da maldade, porque elas se acumularão no seu horizonte, ameaçando temporais. Pense no

céu azul que lhe espera, além da linha do horizonte. E marche
confiante para o amanhã.

Fluido e fluído

“Meu caro professor, tenho ouvido oradores espíritas – até de renome – confundirem a pronúncia fluido, que designa substâncias líquidas ou gasosas, com a pronúncia fluído, do verbo fluir. Afinal, por que esta confusão?”

A pronúncia correta é “fluído”, (mas sem o acento); não é *fluído*, como muita gente diz. A palavra *fluído* vem do verbo fluir, ao passo que a palavra *fluido* (onde a letra “u” é a vogal tônica), sem acento, é adjetivo referente às substâncias líquidas ou gasosas.

Para melhor esclarecimento, recorremos ao Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira:

FLUIDO (do latim *fluidu*) adj.: 1) fluídico; 2) diz-se das substâncias líquidas ou gasosas; 3) que corre ou se expande à maneira de um líquido ou gás; fluente; 4) frouxo, mole, flácido. Ex.: carnes fluídicas; 5) suave, brando. Ex.: movimentos fluídicos; 6) espontâneo, fácil, corrente, fluente. Ex.: linguagem fluídica; 7) corpo que, em repouso e em contato com outros, exerce apenas forças normais às superfícies de contato; 8) corpo (líquido ou gasoso) que toma a forma do recipiente em que está colocado. Ex.: o ar e a água são fluidos. *Fluido ideal*: aquele em que a viscosidade é nula.

FLUIR (do latim *fluere*) Verbo intransitivo. 1) correr em estado líquido; manar. Ex.: “e a suave, musical tagarelice / da água murmura a fluir do manancial...”; 2) correr com abundância; manar. Ex.: um filete de sangue fluía-lhe do canto da boca entreaberta; 3) provir, proceder, derivar. Ex.: as coisas fluem de Deus.

MANAR (do latim “*manare*”): Verter incessantemente e / ou em abundância. Ex.: a fonte manava de uma água límpida.

A evolução do Espírito

“Se existem mundos melhores do que este, por que vivemos aqui: Deus tem os seus privilegiados, que vivem em mundos melhores?”

O senhor está encarando o problema dentro de uma concepção estreitamente humana, que respeita, inclusive, o condicionamento social em que nós vivemos. Não. Deus não é um chefe político. Deus não é um administrador de empresas, que possa ter os seus privilegiados. Deus é a suprema inteligência do Universo, causa primária de todas as coisas. Ele é o Criador. Ele impulsiona na sua criação o desenvolvimento de todas as criaturas num mesmo e único sentido.

Nós todos temos de evoluir, de progredir. Mas se aqui estamos na Terra e outras criaturas habitam mundos superiores, é porque ainda não atingimos, na nossa evolução, a condição necessária para habitar esses mundos mais elevados. A vida é uma ascensão contínua. Bastaria isso para nos mostrar a sua grandeza e a grandeza do poder de Deus. Nós subimos, desde os planos inferiores da criação, através da evolução, e quando chegamos ao homem nós partimos para o mundo superior, o que no Espiritismo chamamos de angelitude, quer dizer, o plano dos anjos.

Os anjos não são mais do que homens evoluídos. São Espíritos humanos depurados, aperfeiçoados, que se desprenderam dos planos inferiores da criação e conseguiram desenvolver as suas potencialidades internas, a sua inteligência, a sua afetividade, a sua vontade, num plano extremamente superior, extremamente elevado.

As religiões os chamam de anjos, mas para nós, espíritas, esses anjos são os Espíritos puros, que já desenvolveram os seus mais elevados sentimentos. Na proporção em que os Espíritos se elevam, eles passam a habitar mundos superiores. Mas ninguém está privado de habitar esses mundos. Todos caminhamos para lá.

“Por que temos que renascer neste mundo? Não progrediremos melhor nos planos espirituais onde, segundo o Espiritismo, tudo é melhor?”

A evolução é um progresso contínuo. Nós temos que conceber o problema não apenas através da nossa concepção humana das coisas. Precisamos ir um pouco além. Precisamos compreender que estamos lidando com um processo universal, cósmico, e que todo o Cosmo está implicado nesse processo. Assim, quando estamos aqui na Terra, passando por uma evolução necessária, é porque o nosso Espírito, dotado de potências que ainda não foram desenvolvidas, precisa, na vida terrena, dos choques da vida material, do contato, ainda, com as condições dos reinos inferiores, de que ele partiu.

O senhor pode ler na Bíblia aquele trecho alegórico, bastante importante, que diz assim: “Deus fez o homem do barro e da terra”. Ora, esta expressão nos coloca diante de uma verdade que o Espiritismo comprova pela experiência. Deus tira o Espírito humano do princípio inteligente do Universo, que é um motivo de organização e de estruturação de todas as formas da matéria, desde o reino mineral até o reino hominal. Assim sendo, esse princípio inteligente tem potências que vão sendo desenvolvidas, através desses reinos. Portanto, se ainda estamos aqui na Terra é porque não estamos em condições, não poderíamos viver num mundo superior, onde nossa inteligência e nossa sensibilidade não estariam em condições de se relacionarem com as coisas circundantes. Não teríamos sensibilidade para captarmos as sutilezas desse mundo, para percebermos as coisas que nele existem e para convivermos com os seus habitantes. É por isso que continuamos a nos preparar na Terra até que atinjamos a condição necessária para subirmos a mundos elevados.

A busca da Verdade

“Professor, considero o Espiritismo uma tentativa ingênua de racionalizar a Religião. As transmissões não são racionais. São realizações emocionais, para ajudarem o homem a suportar a vida. Como o senhor me responderia a isto?”

Respondo que continua em vigor o seu preconceito. O senhor está tratando com preconceito o problema religioso. Quem lhe disse que se chegou à conclusão, do ponto de vista científico e religioso, de que a religião seja isto, apenas um problema emocional? Não. O senhor conhece, por exemplo, a posição pragmática de William James, nos Estados Unidos, no tocante às religiões? O senhor sabe que ele encarou as religiões sob o ponto de vista racional e didático e chegou à conclusão de que a Religião tem uma finalidade prática, muito importante, na vida humana?

O senhor sabe que Augusto Comte, o grande filósofo do Positivismo, que fez a sua filosofia baseada inteiramente no estado subjetivo da ciência, acabou criando aquilo que ele chamou a religião da humanidade? Sabe que no Rio de Janeiro existem centros positivistas, onde o senhor pode assistir às cerimônias religiosas? Que Augusto Comte confirmou a existência da Metafísica baseando-se nas experiências concretas e positivas? Que para ele as religiões não tratavam de um Deus imaterial, abstrato, mas daquilo que ele chamava a Deusa, que é a própria humanidade, o culto da humanidade?

A religião não tem apenas um sentido emocional, mas também um sentido de busca da verdade. A religião faz parte do campo do conhecimento. No tocante ao Espiritismo, nós consideramos o seu conhecimento, no sentido geral, em três campos, três grandes províncias, por assim dizer, que são: a Ciência, a Filosofia e a Religião. As ligações entre esses campos do conhecimento são ligações praticamente genéticas. Por que? Porque sempre a Ciência nasce da experiência do homem, no contato com a natureza, da sua procura em conhecer a realidade

das coisas, em descobrir as leis que as governam e servir-se delas, para poder utilizar-se delas.

A Ciência dá os dados sobre a realidade. Esses dados vão levar o homem a formular um conceito da natureza, a criar uma concepção do mundo, da vida. Essa concepção do mundo é a Filosofia. Então, a Ciência nasce da experiência humana na Terra. A Filosofia nasce das conquistas da Ciência. Essas conquistas se projetam na concepção do mundo formal, que é a Filosofia, e permitem que o homem tenha um comportamento adequado àquilo que ele considera ser o mundo, na feição moral. Mas a moral mostra que o homem não é um ser efêmero, como nos parece, pela sua aparência material. Assim, o ser, que sobrevive após a morte, nos leva, naturalmente, à Religião. A Religião é, então, a busca da verdade, da mesma forma que a Ciência, da mesma forma que a Filosofia. Cada uma testa e estrutura o seu conhecimento; cada uma no seu campo. Todas elas exercem, em conjunto, uma função, que é a busca da verdade.

O senhor se engana, portanto, ao considerar a Religião como apenas um campo da emoção. O senhor fala isso por causa da fé. Mas é preciso lembrar que Allan Kardec fez a crítica da fé e chegou à conclusão de que a fé verdadeira é a fé que se ilumina, à luz da razão.

Deus

“Ouvimos uma apresentadora de TV dizer que Deus é estático, porque é perfeito. E que toda perfeição é estática. Tenho a minha opinião, mas gostaria de ouvir a sua.”

A concepção da apresentadora, de que Deus é estático porque é perfeito, está atrelada, por assim dizer, à nossa lógica humana. Há uma lógica, determinada praticamente pelas concepções do século XVIII. Já no século XIX e nos fins do século XVIII tinha-se uma concepção diferente.

A perfeição não é estática. Perfeito não é aquilo que está acabado. Pode haver uma perfeição naquilo que está iniciado. É um início perfeito, naquilo que está em desenvolvimento, rumo àquilo que Kant chamava de “a perfectibilidade possível” de cada Ser. Assim, há na perfeição um dinamismo e uma estática. Há um dinamismo constante, porque a perfeição implica o processo de desenvolvimento das potencialidades do Ser.

No campo do homem, por exemplo, isto se torna bem claro. O homem aparece na Terra nos tempos primitivos, como selvagem, como quase um animal. Entretanto, ele traz, dentro de si, todas as potencialidades da sua perfeição. Ele é, portanto, perfeito em potência, isto é, potencialmente ele é perfeito; à proporção que se vai desenvolvendo, através das vidas sucessivas, na renovação das gerações, na humanidade, essas potencialidades vão se manifestando. Então nós dizemos: “Fulano é uma criatura imperfeita, ainda em desenvolvimento”. Mas esta é uma concepção humana. Para Deus, aquele fulano, que está em desenvolvimento, é perfeito, porque ele traz em si todos os elementos da perfeição, que estão apenas aflorando, desenvolvendo-se, maturando-se, amadurecendo, para chegar, enfim, a um ponto determinado, que nós humanos consideramos a perfeição, mas que ainda não é a perfeição, para Deus.

Para Deus, a perfeição é um incessante evoluir. Ela não está, de maneira alguma, em algo que se fez e se completou. Por isso, costumo dizer que as pessoas que dizem “Eu sou um homem que realmente me realizei”, se soubessem o que quer dizer a

realização das potencialidades internas do Espírito da criatura humana, nunca usariam esta expressão. Um homem realizado, uma criatura realizada, seria uma criatura que não teria nada a realizar, não teria nada a fazer, estaria completa em si mesma.

Diz o filósofo Heidegger, uma das mais altas expressões do pensamento contemporâneo, que “o homem só está completo quando morre”. A passagem do homem pela vida é uma constante transformação, um constante evoluir. Assim, nós só podemos considerá-lo completo na morte, porque aí termina a sua vida de homem. Então este homem, que não é mais homem como criatura encarnada, mas um Espírito, irá prosseguir, continuando o desenvolvimento das suas potencialidades.

Deus é um renovador constante, incessante. Por exemplo: vamos a uma imagem que talvez nos dê uma idéia mais concreta, mais precisa disto, quando Zoroastro, na Pérsia – fundador da religião chamada, hoje, Madzeista, dando uma idéia de Deus aos seus adeptos, disse: “A única imagem possível de Deus, na Terra, é a do fogo. O fogo está continuamente se renovando, através das suas labaredas. O fogo produz a luz e afugenta as trevas, quando os selvagens precisam afugentar as feras que, no mato, os rodeiam, os rondam”.

Para Zoroastro, a única imagem perfeita de Deus é o fogo. E então, o que fizeram os homens? Passaram a usar o fogo.

Quando vemos velas acesas em algum lugar, no sentido devocional; quando vemos lâmpadas acesas, nos altares das igrejas, estamos diante de uma transposição do Zoroastrismo para outras religiões. Ou, em outras palavras, da adoração do fogo, da simbologia do fogo, presente nas manifestações religiosas.

Esta concepção de Zoroastro nos dá o exemplo concreto do que seja aquilo que poderemos imaginar como constante e incessante dinâmica da existência de Deus, se poderemos chamar assim; da sua vivência como uma inteligência, que é o centro de todo o Universo, que controla toda a movimentação dos astros, das galáxias, do espaço infinito. Deus é um dinamismo

constante. Não poderia ser, portanto, estático, de maneira alguma.

A comunicação com Deus

“O Espiritismo é uma doutrina racional e científica, mas adota a prece e o passe e se diz continuador do Cristianismo. Vejo nisso uma tremenda contradição. O que o senhor me diz?”

Não há contradição nenhuma. Quando o Espiritismo se diz uma doutrina racional e científica, ele se pauta através dos seus princípios. Basta ler *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, a obra fundamental do Espiritismo, para certificar-se de todas as questões científicas e de pesquisas, de acordo com os princípios da doutrina. Então, a Doutrina Espírita é realmente racional e científica.

Quanto à prece, ela não é irracional. Pode ser irracional para, por exemplo, os selvagens, que pronunciam a prece sem saber o seu significado. Assim, a formulam, impulsionados pelas emoções de momento. Mas quando uma pessoa já tem o desenvolvimento mental para entendê-la, ela é uma forma de comunicação, e a forma de comunicação não é, absolutamente, mágica ou supersticiosa. Ela existe em todos os campos.

Há dois tipos de comunicação humana:

- 1) a comunicação horizontal, ou seja, no plano social, de homem para homem, entre as criaturas humanas;
- 2) a comunicação vertical, isto é, com as entidades espirituais e com Deus.

O homem pode, inclusive, falar com Deus, quando dirige a Ele, por exemplo, a prece do Pai Nosso, repetindo aquelas palavras que Jesus deixou, no Evangelho. Essa comunicação é racional, pois o Pai Nosso traduz uma série de pedidos, de solicitações, que correspondem exatamente às nossas necessidades humanas. Tentamos, então, nos comunicar com Deus. E Deus nos ouve. Há essa comunicação com aquele que sabe usá-la, compreendendo o seu sentido e o seu alcance.

A prece dos espíritas não é dirigida somente a Deus, mas a todos os bons Espíritos, que podem não ser angélicos, mas são bons. São Espíritos de criaturas boas, que viveram na Terra, que

vêm nos auxiliar, porque são nossos amigos. Todos nós, como dizia o apóstolo Paulo, temos as nossas testemunhas, que são os Espíritos que se aproximam de nós, os que são simpáticos a nós, por isso, vêm nos auxiliar; ou aqueles que nos detestam e que procuram nos atingir e prejudicar-nos. Mas todos eles estão à nossa volta e há aqueles que nos ajudam e nos defendem da maldade daqueles que nos detestam. Então, quando dirigimos a nossa prece a esses Espíritos, estamos quase na própria comunicação horizontal, de criatura humana para criatura humana, porque eles estão ao nosso redor e convivem conosco na Terra.

A prova de que isso não é uma superstição está, por exemplo, nas pesquisas atuais da parapsicologia, principalmente no campo da transmissão do pensamento. Por que é que a Rússia, neste momento, investiga com tanto interesse esse assunto, pois a Parapsicologia não cuida de problemas materiais, mas daqueles fenômenos paranormais, que se passam fora daquilo que é considerado material, na vida terrena? Por que os Estados Unidos empenham-se em verdadeiras campanhas, no sentido do desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas? Por que há uma verdadeira corrida parapsicológica, entre os Estados Unidos e a União Soviética? Porque as experiências científicas já demonstraram essa coisa extraordinária, para todos aqueles que podem pensar um pouco a respeito.

A prece não é, absolutamente, um elemento mágico. É uma realidade no campo das comunicações, hoje em dia. Na Universidade de Moscou, por exemplo, a telepatia figura nas escolas de comunicação, como pertencente ao campo das comunicações biológicas.

Quanto ao passe, no Espiritismo ele não é considerado como uma varinha mágica. É como um elemento que permite a transmissão de energias vitais do passista. Essa transmissão de energias vitais está provada em pesquisas, na Rússia e Estados Unidos, sobre a aura humana e a aura das coisas, de acordo com o sentimento das criaturas, com a posição mental da pessoa, das suas emoções. Há variações não só na intensidade, como no colorido da aura.

A alma representa a energia vital do homem, que pode extravasar-se pelo corpo e que forma, então, essa aura verdadeiramente de luminosidade, em torno da pessoa. A aura existe, também, nos objetos, na pedra, no vegetal, porque todos os seres são dotados dessa energia íntima, que determina a sua expressão luminosa, além dos limites da estrutura material.

Assim, o passe é considerado uma transmissão energética, de uma pessoa para outra. Esse passe é mais poderoso quando auxiliado por uma entidade espiritual. Porque ocorreram, muitas vezes, a fraqueza das energias. Não há, portanto, nenhuma contradição no Espiritismo, ao se dizer racional e científico e admitir a prece e o passe.

Os mundos habitados

“Ouvi falar que o Espiritismo traçou uma escala dos mundos. Isso é verdade? Como é esta escala?”

Existe realmente uma escala dos mundos, mas não no sentido absoluto. Não como um sistema rígido. Kardec, como sabemos, era um homem de ciência e sabia tratar desses problemas com a flexibilidade necessária, para não transformar certas afirmações ou tentativas de esclarecer as coisas em formas dogmáticas. Então Kardec, examinando o problema da pluralidade dos mundos no Universo e considerando que logicamente essa pluralidade deve corresponder, também, à expansão da humanidade, que não pertence apenas à Terra, mas a todos os mundos do Espaço, procurou estabelecer uma idéia, como ele diz, uma sugestão, referente às diferentes espécies de mundos que existem. E criou a escala dos mundos, da seguinte maneira:

- **Mundos primitivos**, em estado de provação – Isso nos vem da própria sugestão da História da Terra. Quando examinamos a Terra no seu desenvolvimento, vemos que ela já foi um mundo onde não havia a existência humana, não havia o homem, nem sequer animais; enfim, não havia vida de espécie alguma. Depois surgiu a vida, que se foi desenvolvendo, do reino mineral para o reino vegetal, do vegetal para o animal, até atingir o reino hominal, com o surgimento do homem. Sendo assim, a própria Terra nos oferece uma idéia bem positiva, bem clara, do que são as várias formas do mundo. Os mundos primitivos são aqueles que estão ainda em desenvolvimento, onde a vida começa a surgir e se desenvolver.
- **Mundos de Provas e expiações** – Esses, como a Terra, são mundos onde a vida já se desenvolveu, em que o homem apareceu e em que se desenvolve, também, a civilização. Como o próprio nome indica, nesses mundos o homem está sendo provado pelas dificuldades terrenas e passando pelas expiações e atrocidades derivadas do uso do seu livre-arbítrio, cometidas em vidas anteriores.

- **Mundos de regeneração** – nesses mundos a humanidade se liberta das expiações e passa a enfrentar apenas as provas evolutivas, porque já adquiriu um grau evolutivo que lhe permite libertar-se daquilo que popularmente se conhece como “pagamento das dívidas do passado”.
- **Mundos felizes** - esses são mundos onde a Humanidade, já regenerada, está em condições morais que lhe permitem viver uma vida divina, que podemos considerar semelhante à vida dos deuses. Sua constituição é de natureza etérea, de matéria mais estratificada que a do nosso planeta. O homem vive aí uma vida paradisíaca.
- **Mundos celestes ou divinos** – Considerado pelo Espiritismo como os mundos superiores, estes são os mundos habitados pelos Espíritos puros.

Assim, temos uma escala do mundo sobreposta à variedade de formas de mundos habitados pela Humanidade, que não é terrena, é cósmica. A Humanidade é cósmica, isto é, existe no Cosmos.

Esta é a posição do Espiritismo a respeito do assunto e, como o ouvinte naturalmente já percebeu, pelas muitas manifestações científicas que têm surgido, divulgadas, inclusive, nos noticiários dos jornais, do rádio e da televisão a respeito de pesquisas sobre tudo isso, essa concepção espírita está de pleno acordo com a era cósmica que estamos vivendo.

– 0 –

“Camille Flammarion foi espírita. Disseram-me mesmo que ele foi médium de Allan Kardec, o que eu duvido. Foi ele quem deu a Kardec a idéia de que existem outros mundos habitados?”

Não, não foi Flammarion quem deu essa idéia. Foram os Espíritos, nas suas comunicações com Kardec, que explicaram a existência dos mundos habitados no Universo. O ouvinte duvida que Flammarion tenha sido médium de Kardec. Por que duvida disso? É tão conhecido o problema de Flammarion, nas suas relações com o Espiritismo! Ele, realmente, aceitou a teoria da pluralidade dos mundos habitados e escreveu um livro sobre

isso. Trabalhou com Kardec, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, como médium psicógrafo. Posso adiantar-lhe que o Capítulo de *A Gênese*, de Allan Kardec, intitulado “Uranografia Geral”, foi recebido psicograficamente por Flammarion. Nesse capítulo, ele recebeu informações do Espírito Galileu Galilei sobre a pluralidade dos mundos habitados.

Mundos sem vida

“Como o Espiritismo explica a existência de um mundo sem vida alguma, como a Lua e provavelmente Marte?”

O senhor, agora, me lembrou de uma falha que cometi, na lição passada, ao expor o problema sobre a escala espírita dos mundos. Realmente, há nessa escala um outro tipo de mundo que eu não citei, porque está incluída na própria fase dos Mundos Primitivos. São os *Mundos Transitórios*, que, segundo os Espíritos disseram a Kardec, são completamente áridos, muitos deles sem mesmo terem atmosfera, como acontece com a Lua.

Alguns deles, porém, já possuem atmosfera. São aqueles em que a vegetação se desenvolveu, em que houve a possibilidade, em virtude da existência de água nas suas entranhas, do desenvolvimento da própria atmosfera. Esses mundos transitórios, assim considerados, não têm condições de habitabilidade e, justamente por isso, não têm habitantes permanentes. Ninguém pode, por exemplo, viver permanentemente na Lua, a não ser de maneira artificial, servindo-se dos recursos da Terra, porque a Lua não tem atmosfera. Entretanto, nos Mundos Transitórios, os Espíritos se acomodam, por assim dizer, nos seus trabalhos que realizam no Cosmos.

O senhor vai dizer que isto é, por certo, um caso de imaginação, tirado da mitologia ou coisa semelhante. Mas a verdade é que os Espíritos somos nós mesmos. É preciso lembrar dos Espíritos não como fantasmas, não como criaturas abstratas, imaginárias, mas como criaturas humanas, desprovidas do corpo material. Nós não somos animais. Temos um corpo animal como instrumento de nossa manifestação, na vida terrena. Somos provenientes do Reino Animal, na nossa evolução, mas por termos atingido um plano superior, em que se manifesta a consciência, nós superamos a animalidade, porque a nossa essência é espiritual e não material.

Temos, pois, de nos lembrar dos Espíritos como seres humanos, dotados de todas as capacidades que possuímos, aqui

na Terra, sendo que as mesmas são criadas em virtude de eles estarem revestidos de um corpo mais leve do que o nosso corpo material, que é o perispírito. O senhor teria a possibilidade de dizer que tudo isso é imaginação. E se eu lembrar ao senhor que as pesquisas existentes neste caso demonstraram a existência real do perispírito, o corpo espiritual do homem? O senhor poderá objetar-me, como costumam fazer os cétricos, que essas pesquisas nunca chegaram a comprovações decisivas. Na verdade, chegaram. Chegaram, sim senhor.

Se o senhor ler os trabalhos científicos a respeito, verá que chegaram a resultados conclusivos, mas foram rejeitados pela maioria dos cientistas, que não se importaram em pesquisar nesse campo. Por que William Crookes se dedicou a estudar os fenômenos espíritas? Por que ele era espírita? Não, porque ele nem acreditava nisso. Depois da investigação da sociedade Dialética de Londres, que quis acabar com o Espiritismo e acabou, na verdade, se dividindo em duas partes, uma a favor e outra contrária, depois desse fracasso William Crookes foi chamado à liça. Era um homem de grande prestígio, de grande capacidade científica no campo da investigação, principalmente para fazer aquilo que a Sociedade Dialética não havia conseguido fazer.

É bem conhecido o episódio de Crookes. Ele trabalhou apenas três meses na investigação espírita, afastando-se, portanto, do campo das suas pesquisas habituais, do seu trabalho costumeiro. Pois bem, Crookes ficou mais de três anos na pesquisa espírita e provou a existência de todos os fenômenos espíritas. Então, o que fizeram aqueles mesmos que haviam solicitado a sua presença nesse campo? Disseram que ele havia perdido a razão.

Como ter provado a existência dos Espíritos, pelo mesmo Crookes, que havia provado a existência da matéria radiante? As conquistas de Crookes antes do seu trabalho espírita eram válidas, mas as conquistas no campo da investigação espírita não deveriam ser válidas. Veja o senhor o preconceito, a falta de arejamento espiritual para enfrentar os problemas. Ainda recentemente, um grande cientista francês afirmou, através de

um trabalho muito bem feito, sobre a tradição dos cientistas no mundo atual, em face dos problemas parapsicológicos, que existe na Ciência uma lei de conservação da estrutura científica, denominada Lei de Alergia ao Futuro, que funcionou na Ciência.

Quanto a Crookes, saiu do campo do presente imediato e investigou a realidade dos fenômenos espíritas, com o que se projetava no futuro. Então os seus próprios colegas se voltaram contra ele. Temos também o caso de Charles Richet, que projetou suas pesquisas em Argel, provocando as manifestações de um Espírito materializado, que ele examinou como fisiologista, em todas as minúcias de sua manifestação; comprovou e afirmou a realidade da materialização e foi acusado, pelos seus próprios colegas, de que tinha cometido um grave erro de ter sido ludibriado por afirmações do cocheiro do general Noel, em cuja casa foram feitas as experiências. Acontece que esse cocheiro havia sido despedido pelo general Noel; era ladrão e bêbado. Então Richet perguntou a seus colegas na França: vocês preferem ficar com as afirmações do cocheiro bêbado ou com as minhas?

Como o senhor vê, o problema é muito sério, muito grave e nós precisamos compreender que temos que deixar de lado os preconceitos e encarar a verdade. Vamos examinar as pesquisas científicas em si e verificar a constância com que essas pesquisas não mudam. Desde os tempos de Kardec até hoje, estão sempre terminando, concluindo, pela existência real do fenômeno. Então a realidade se impõe, através da pesquisa científica, e não pode ser absolutamente negada com essa simplicidade, essa facilidade com que tem sido feita.

A cura pela prece

“A cura espírita por meio de passes não é só uma sugestão? Por que o médium precisa esfregar a mão numa pessoa doente para curá-la? Os santos não curam, por meio de preces?”

Sim, todos nós podemos curar, por meio de preces. A prece é uma vibração. Essa vibração se dirige ao mundo espiritual e estabelece uma comunicação entre nós e os Espíritos, que nos podem atender. A prece, portanto, é uma maneira de falarmos com o mundo espiritual e ficou claramente explicada agora, com as investigações da Parapsicologia que, estudando o problema da transmissão do pensamento à distância, entre pessoas vivas, confirmou aquilo que o Espiritismo vem dizendo há mais de um século: que quando nós oramos, emitimos pensamentos que podem atravessar as maiores distâncias e podem comunicar-se com Espíritos que estejam nos planos mais elevados da Criação.

Muita gente diz: “Eu não acredito na prece, porque como Deus vai me ouvir? Deus é um Poder Superior, muito mais elevado do que qualquer um de nós. Está numa posição que não podemos nem imaginar; não sabemos a que distância ele se encontra de cada um de nós. Então, não adianta orar, porque a nossa prece não vai atingir a Deus”.

Em primeiro lugar, precisamos saber que Deus não é uma pessoa como nós, é uma Inteligência Suprema, criadora, e essa Inteligência é absoluta e não relativa, como a nossa. Nós nem mesmo podemos defini-la, descrevê-la. É praticamente impossível explicarmos o que seja Deus, a não ser por essa afirmação, que é a única que o Espiritismo admite: “Deus é a Inteligência Suprema do Universo, causa primária de todas as coisas”. Dessa Inteligência Suprema decorrem todas as criações do Universo.

Pode ser absurdo o que fazemos com Deus. Mas Deus não está apenas na distância; ele está também presente em nós. Ele está em nosso coração. Ele está em nossa mente, porque é onipresente, está em toda parte. Mas está em toda parte por que? Porque, sendo absoluto, tudo quanto existe está dentro Dele.

Tudo quanto existe está ligado a Deus, está em Deus. É por isso que o apóstolo Paulo dizia, quando escreveu em suas epístolas: “Nós vivemos e nós morremos em Deus”.

Quando falamos a Deus, portanto, falamos dentro de nós mesmos, no nosso coração, na nossa inteligência, na nossa consciência. E Deus nos ouve. Deus nos pode responder. Quando estudamos o problema da prece, à luz do Espiritismo, nós vemos que ela representa uma das forças mais poderosas de que o homem pode dispor, na Terra.

É claro que a prece vale muito pela maneira como é feita; não a forma, mas a maneira. A maneira tem que ser espontânea, tem que ser real; nós temos de sentir aquilo que estamos pedindo. Temos que ter fé, acreditar, realmente, que estamos nos dirigindo a um Ser superior, que possa atender-nos. Essa crença, essa confiança, são importantes, porque estabelecem a ligação necessária entre nós e aquelas entidades espirituais a que nos dirigimos. Assim, a prece pode realmente produzir curas. Quantas pessoas já se curaram através das vibrações de uma prece?

Quanto ao médium dar passes, os mesmos são simplesmente a transmissão de fluidos e de vibrações, portanto de correntes energéticas, a um indivíduo doente. Existem o *passé magnético*, o *passé hipnótico* e o *passé espírita*. Esse último difere do *passé hipnótico* propriamente dito, porque é um *passé* em que o médium serve de instrumento para os Espíritos.

O Evangelho no Lar

“Tenho um casal de filhos, com situação ótima financeira. Eles têm tudo o que querem, em matéria de conforto e outras necessidades, que muitas pessoas gostariam de alcançar. Mas minha filha é revoltada. Eu não tenho possibilidades de dialogar com ela. Qual o motivo dessa revolta? Faço o possível para compreender meus filhos. Será que o fato se dá por eu ter dado a eles carinho em demasia? Será falta de uma ocupação, como, por exemplo, o trabalho? O que o senhor me aconselha?”

Esse problema de relacionamento em família está muito em voga, no momento. Você não está em dificuldades em relação a outros familiares. Nós sabemos que estamos numa fase de transição na vida terrena. Estamos passando para um mundo melhor. Mas essa passagem não se faz facilmente. Temos que saldar os nossos débitos com muitas outras criaturas. E elas podem aparecer dentro da nossa própria família, pelas suas relações de afinidade conosco. Não são nossos inimigos, mas criaturas a quem devemos.

Elas, por sua vez, têm também as suas dívidas para conosco. É preciso fazermos aquilo que Jesus nos ensinou, no Evangelho: acertarmos o passo com o nosso companheiro, enquanto estamos a caminho com ele. E é preciso procurarmos compreender aquelas criaturas que se mostram difíceis, procurando sempre o apoio do Alto, o refúgio na oração e na prece, que nos trará o auxílio dos bons Espíritos, para o que o nosso familiar se harmonize conosco, em casa.

Eu pergunto à querida ouvinte se ela realiza, em sua casa, o Evangelho no Lar. É ímã para o trabalho, muito bom, salutar, que corta muitas arestas, na rotina da vida em família. Uma vez por semana, reunimos a família em torno da mesa, lemos um trecho de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, e fazemos uma prece. É o suficiente, muitas vezes, para trazermos um novo clima, formarmos um novo ambiente e encontrarmos uma nova solução para os nossos problemas.

A Terceira Revelação

“Por que o Espiritismo se apresenta como a Terceira Revelação, se sabemos que houve muito mais do que três revelações no mundo? Kardec não sabia disso?”

Kardec sabia, perfeitamente. Mas acontece o seguinte: as numerosas revelações que houve no mundo, desde a época primitiva, entre os povos primitivos, podemos classificar como as revelações entre os homens da caverna, porque sabemos que os mesmos, como crianças que se iniciavam na vida, tiveram os seus preceptores, aqueles Espíritos superiores que cuidaram deles e os orientaram.

Todas essas revelações têm um sentido preparatório, no tocante a uma revelação de importância fundamental para o desenvolvimento da civilização, que foi a revelação Mosaica, que, como sabemos, deu origem à Bíblia – a Bíblia dos judeus, que é também a Bíblia dos Cristãos. Porque o Cristianismo é uma reforma do Judaísmo, feita por Jesus, que era judeu. Essa revelação é de importância fundamental, porque estabelecia uma modificação muito profunda nos conceitos sobre Deus e o homem, sobre a vida na Terra e o destino do próprio homem.

A respeito de Deus, podemos acentuar um ponto capital: enquanto as revelações, ocorridas nas diversas partes do mundo, nos davam uma idéia de Deus como distanciado do homem, alguém que houvesse, por assim dizer, criado o mundo e depois pouco se tivesse importado com ele, a revelação judaica nos mostra um Deus providencial. É aquilo que estudam os filósofos e se chama providencialismo.

O providencialismo judeu modificou por completo o conceito de Deus. Deus não está ausente do mundo; Deus está presente; Deus faz a História. Ora, Deus, em fazendo a História, a sua participação no mundo dos homens é permanente, é constante. Essa primeira modificação é de uma importância decisiva. É para o homem uma concepção de Deus mais consentânea com a realidade daquilo que nós chamamos, hoje, a estrutura unitária do Universo.

Além disso, a revelação Mosaica nos deu a idéia de que Deus havia criado o mundo, não se servindo de material já existente, mas produzindo, ele mesmo, os materiais necessários. É o dogma bíblico da criação a partir do nada. Deus não criou o mundo do nada. O nada parece não ter condições para dar elemento algum a Deus, para que Ele pudesse criar o mundo. O nada bíblico, como nós o entendemos, na sua significação mais profunda, é como o nirvana de Buda, que parece ser o nada, a negação de tudo o que existe. Um nada apenas simbólico; um nada relativo; um nada em relação ao tudo que consideramos na Terra.

A matéria e todas as conseqüências da matéria, na vida terrena, não existem, no mundo espiritual superior. Então, vem daí a designação do nada. Além desse ponto, que é de importância fundamental para a compreensão do Universo e do processo criador de Deus, temos ainda um outro aspecto na revelação Mosaica, que é fundamental. Enquanto entre os povos das diversas religiões do mundo, não só mitológicas de que são exemplos típico e clássico as mitologias grega e romana, mas sim todas as religiões da Antigüidade, as revelações dessas religiões colocavam o problema de Deus numa situação múltipla. Havia deuses múltiplos, para todos os setores da natureza e para todos os aspectos da atividade humana. Alguns desses deuses sobreviveram até o nosso tempo. Hoje, quando falamos em Mercúrio, estamos nos referindo ao deus do comércio. Estamos voltando o nosso pensamento para os primórdios do desenvolvimento das religiões na Terra, e assim por diante.

A revelação Mosaica firmou a idéia do Deus único. Nasceu com ela o monoteísmo. Deus é um só. Isso foi de grande importância para a humanidade, porque mostrou que a humanidade havia atingido um plano de evolução mental capaz de encarar o Universo como um processo total, de maneira global; não só provou isto, como trouxe conseqüências sociais muito importantes. Quando nos lembramos de que no passado os povos tinham os seus deuses particulares, por exemplo, os egípcios, os babilônios, os gregos, os indianos e os judeus, que tinham seu Deus pessoal, Iavé, vemos que esses deuses, representando os protetores especiais de um desses povos e até

mesmo seus criadores, estabeleciam diferenças fundamentais entre as raças, entre os povos.

Essas diferenças incentivavam as guerras de conquistas, de dominação e escravização dos povos. Os judeus, por exemplo, foram escravizados na Babilônia e no Egito; os gregos foram escravizados pelos romanos e assim por diante, porque quando Júpiter, o deus dos romanos, conseguiu vencer a batalha contra Zeus, o deus dos gregos, isso mostrou que o deus dos romanos era mais poderoso e o povo grego teve que se submeter, então, ao domínio e à escravização do povo romano.

Assim, a idéia do Deus único vinha abrir nova compreensão entre os homens, no sentido de uma maior possibilidade de harmonia entre as nações e os povos. Isso não quer dizer que as guerras se acabariam imediatamente, porque as mesmas têm vários motivos e elas continuam até os nossos dias. Mas aquelas guerras absolutas, do passado, em que o povo dominador tinha todos os direitos sobre o povo dominado, mudaram completamente de aspecto. Os povos conquistadores viam-se obrigados a respeitar, daí por diante, os outros povos, considerando que eles, embora subjugados temporariamente pela força, não obstante eram também filhos do mesmo Deus, que dera força ao povo conquistador.

Dessa maneira e graças a essas revelações especiais da revelação Mosaica, ela se tornou uma revelação de importância fundamental para o desenvolvimento da civilização no mundo. Por outro lado, a revelação Mosaica anunciava a vinda do Messias; a vinda de Jesus; a vinda do Cristo; conseqüentemente, essa revelação era também profética e já determinava uma relação entre ela e a próxima revelação que surgiria, ou seja, a vinda do Cristo.

Foi por isso que Kardec adotou a tese das três revelações fundamentais:

- primeira – a revelação judaica;
- segunda – a revelação cristã;
- terceira – a revelação espírita, que está prometida no Evangelho de Jesus.

Quando lemos, por exemplo, o capítulo 16 do Evangelho de João, encontramos a promessa do Consolador, do Espírito de Verdade, do Parácleto, que é aquele que virá restabelecer a verdade do destino do Cristo sobre o destino do homem na Terra. É aquela revelação que vem, ao mesmo tempo, completar a revelação cristã, a segunda revelação. É por isso, então, que Kardec chamou o Espiritismo de Terceira Revelação.

O fermento dos fariseus

(Locutora do programa) – Abrindo o Evangelho ‘ao acaso’, encontramos, em Lucas, capítulo 12, versículos 2 e 3: “Tendo-se juntado milhares de pessoas, de modo que um e outro se atropelavam, começou Jesus a dizer primeiro aos seus discípulos: Guardai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia. Nada há encoberto, que se não venha a descobrir; em oculto que se não venha a saber. Por isso, o que disseste na treva, à luz será ouvido; o que falastes ao ouvido, no interior da casa, sobre os telhados será proclamado.”

Vemos, nessa passagem do Evangelho de Lucas, a colocação de um problema tipicamente espírita, ou seja: o problema da supressão das vidas. Jesus advertia, naquele momento, os seus discípulos, quanto àquilo que chamou de *o fermento dos fariseus*, ou *o fermento da hipocrisia*. Esse fermento dos fariseus, para sermos justos, é o fermento humano, que existe em toda a humanidade.

A hipocrisia nos faz mostrar um semblante alegre, sorridente, para os outros, quando, na verdade, mostramos apenas a nossa falsa casaca, como se costuma dizer. Então, Jesus diz que o que se diz ao ouvido, o que se diz dentro de casa, no ambiente familiar, escondido dos outros, afinal será proclamado, mais cedo ou mais tarde; aquilo que se diz no escuro será revelado na luz.

Quem conhece o problema das vidas sucessivas sabe que após a morte passamos a viver no mundo espiritual. Temos ali uma extensão da vida terrena, muitas vezes, igual ou com maior extensão do que a existência na Terra. Quando chegarmos ao mundo espiritual, vamos nos encontrar com uma sociedade diferente, onde quase não se pode esconder aquilo que se pensa, pois a linguagem dos Espíritos é o pensamento. Os Espíritos não precisam falar, como nós falamos, através da voz articulada, para se comunicarem entre si. Eles podem comunicar-se pelo pensamento.

Assim sendo, nós temos, no mundo espiritual, aquelas pessoas que costumavam, na Terra, falar mal do próximo e fingir

amizade na sua presença, as quais encontram uma dificuldade muito grande, no Mundo Maior, porque estavam acostumadas a fazer assim na Terra. Mas na nova morada não podem fazê-lo, porque quando querem fingir, o fingimento transparece. E, praticamente, revelam as suas intenções ocultas. Então elas não podem adotar, como na Terra, a tática do fingimento, por não estarem escondidas atrás do corpo material; estão se comunicando através do seu próprio corpo espiritual, que é transparente e o pensamento, à flor da pele, se é que podemos dizer assim, revela-se por meios evidentes, não podendo ser escondido.

É por isso que Jesus disse que tudo aquilo que fizermos aqui será revelado, no Mundo Maior. Nas pesquisas de Allan Kardec sobre esse assunto, publicadas na *Revista Espírita*, vemos Espíritos que se queixam profundamente das situações em que se encontram, porque não podem fazer nada escondido. Tudo o que querem ocultar está sempre sob os olhos de entidades espirituais que enxergam tudo quanto fazem, tudo quanto pensam e sentem.

É por isso que Jesus nos dá uma lição, através desse trecho do Evangelho de Lucas, no sentido de que devemos ser leais. Devemos ser sinceros, a fim de evitarmos situações embaraçosas para o nosso Espírito, pois, após a morte, se não nos libertarmos, na Terra, do vício da hipocrisia, nos colocaremos em situações verdadeiramente desesperadoras, revelando aquilo que não queremos revelar. Não pensem que a desencarnação dá atestado de santidade a alguém. Seremos lá exatamente o que fomos aqui.

A força do pensamento

“Gostaria que o caro professor falasse a respeito da força do pensamento.”

O pensamento é a mais poderosa energia no campo da comunicação. Quando os astronautas vão à Lua e a nave espacial fica atrás do corpo lunar, não é possível nenhuma comunicação da nave com a Terra, nem da Terra com a nave. Por que? Porque o corpo lunar impede a passagem de qualquer energia ou comunicação terrena. Entretanto, lá de trás da lua, é possível ao astronauta enviar o seu pensamento para a Terra e receber a resposta enviada daqui.

Não estou jogando com palavras. Posso lembrar a experiência de um dos astronautas da Apollo 14, que foi à Lua levando a incumbência de fazer transmissões telepáticas para a Terra. As suas comunicações foram recebidas no Centro Espacial de Houston, nos Estados Unidos, demonstrando a possibilidade das comunicações telepáticas, no Cosmos. Sendo assim, as experiências telepáticas, nos Estados Unidos, demonstraram que não há matéria física que bloqueie o pensamento. E nem o espaço, nem o tempo, impedem essa transmissão. A transmissão telepática é precisa e perfeita, em qualquer distância, em qualquer ponto e através de qualquer espécie de matéria física.

Quando o professor Rhine, da Universidade de Houston, confirmou o que estamos dizendo, Ransiliev, da Universidade de Leningrado, contestou suas afirmações, comentando: “vou mostrar, através de pesquisas, que há barreiras físicas capazes de deter a transmissão telepática”. Ele fez uma série de investigações científicas e chegou à conclusão de que a energia do pensamento é uma energia física, mas de tipo ainda desconhecido, porque nenhuma barreira física consegue impedi-la.

O professor Rhine então disse: “o professor Ransiliev chegou a uma conclusão científica, de acordo com a minha, mas não a expôs de maneira científica, porque, quando ele disse que essa energia é de tipo desconhecido, não podia ser da matéria física”.

Para o professor Rhine, a energia mental é extrafísica. Não pertence ao corpo físico, porque supera todos os condicionamentos e todas as barreiras do corpo físico. Isso prova que, apesar da distância que Deus está de nós, no Infinito, ou que um Espírito esteja, podemos enviar a Ele a nossa mensagem mental, porque não há barreiras que impeçam a comunicação do pensamento, às maiores distâncias.

É claro que a resposta de Deus é dada em nossa própria consciência. Nós a recebemos intuitivamente, ou muitas vezes através dos fatos, para os quais pedimos a sua manifestação. A prece tem, portanto, um sentido puramente racional. Nós nos dirigimos a uma Entidade, que sabemos ser Deus. Sabemos que ela existe, por que? Porque a vimos? Porque a tocamos? Não. Mas porque a vimos e sentimos na natureza que nos cerca, em toda a estrutura ordenada do Universo, onde nada acontece por acaso, pois tudo é determinado por Leis e, portanto, dirigido por uma Inteligência. Nada nasceu por acaso, porque o acaso não é inteligente. Se tivéssemos nascido por acaso, deveríamos ser uma monstruosidade. Nada existe por acaso. A Terra tem a sua estrutura, suas leis determinadas, perfeitas, que regem a existência de todas as coisas e de todos os seres. Por isso, sabemos que Deus existe. Deus é esse poder, embora não possamos tocá-lo nem vê-lo, porque é absoluto. Por isso, Deus está presente; sempre, em toda parte, em nossa consciência, em nosso coração.

Falar com Deus não é difícil, como pensam. Não se precisa de alto-falantes nem estações de rádio para transmitir uma mensagem ao espaço. Não! Deus está presente em nós mesmos, na nossa consciência e no nosso coração. Ele está e nos ouve, dentro de nós. Então, basta dirigirmos uma prece a Ele e nós, realmente, conseguimos nos comunicar com o Pai Criador.

A Alma

“Todas as coisas têm alma?”

Sim, tudo tem alma. O que é que não tem alma? Nós, geralmente, confundimos o problema da alma com a alma humana. É claro que o animal não tem alma humana. A alma humana é uma conquista muito grande da evolução. O animal tem alma de animal. A planta tem alma de planta.

Pode-se definir alma como aquilo que anima, que dá movimento, que dá vida a uma coisa. Assim, por exemplo, *um objeto que é movido pela eletricidade*, um aparelho qualquer, *a eletricidade é a sua alma*, porque é o que lhe dá movimento. Todas as coisas têm alma. A planta que nasce, cresce e se desenvolve, dá flor, frutos, revela que possui um poder interior que a faz viver, que a anima e proporciona a possibilidade de se desenvolver e produzir. A planta, portanto, tem alma.

Essa alma, No Espiritismo, é considerada como o *princípio vital* e ao mesmo tempo está ligada àquilo que é fundamento do próprio princípio vital, que é o *princípio inteligente*. Nós podemos sentir nas plantas o desenvolvimento, em fase primária, da inteligência. Sabemos que as plantas têm capacidade de captar a luz, transformá-la, produzir com ela os elementos necessários para a sua própria vida; sabemos que a planta multiplica suas raízes no chão. Essas raízes vão procurar a água, onde ela estiver; sabemos que a planta se volta, no processo de tropismo¹, para a luz, onde a luz estiver. Se nós colocarmos uma planta no canto da sala ela logo se volta para a janela e vai procurar a luz.

Tudo o que dissemos indica que existe um movimento não puramente mecânico na planta, mas uma intenção, uma busca, uma direção. Assim sendo, temos que reconhecer que existe, na planta, não apenas a movimentação, mas também a sensibilidade e a capacidade volitiva que ela revela. A planta é muitas vezes sensível ao frio, ao calor, à transformação do tempo, à sucessão das estações. Ela varia de acordo com as estações e reage às condições atmosféricas. A planta, portanto, revela por si um

processo íntimo, que vai além da matéria que a constitui e que corresponde, verdadeiramente, a uma coisa chamada alma.

Nas pesquisas atuais dos físicos e biólogos soviéticos com a antimatéria, os mesmos fotografaram, através das câmaras *Kirlian*, a alma das plantas. Verificaram que toda planta não se constitui apenas de seu caule e sua estrutura materiais, mas que dentro dessa estrutura existe uma corrente energética, uma corrente de energias, ainda não suficientemente definidas, mas já fotografadas pelas câmaras *Kirlian* e já vistas pelas pessoas que fotografaram, nos estudos e nas pesquisas de laboratório, realizados na Universidade de Almaty, no Cazaquistão. Ficou assim provado, cientificamente, através de pesquisas de cientistas e materialistas, que as plantas têm um elemento que nós só podemos chamar de alma, porque esse é o elemento que lhes dá vida.

O mesmo processo vive o animal e o semelhante. O animal também possui o corpo *energético*. O corpo energético do animal não tem a sua vida; quando o animal morre, esse corpo energético se desprende dele. O corpo material se cadaveriza, vira apenas resíduo do que era o animal.

Da mesma forma acontece com o homem. As pesquisas científicas e físicas soviéticas verificaram também a existência daquilo que eles chamaram de *corpo bioplásmico* do homem, porque, quando usaram a palavra *bio*, estavam se referindo à vida. Como nós chamamos na biologia, é o instituto da vida. Assim, quando definiram o corpo bioplásmico, definiram também duas funções importantíssimas, nesse *corpo energético* do homem. Ele é o corpo da vida, o corpo sutil, o corpo não propriamente material, o corpo extrafísico, que anima o corpo material. É o corpo da vida, por isso ele é o *bio*. É *plasmático*, porque é o corpo que plasma, organiza e forma o corpo humano.

Estamos, então, diante do *perispírito*, que no Espiritismo corresponde àquilo que o apóstolo Paulo, na primeira Epístola aos Coríntios, definiu muito bem como sendo o *corpo espiritual do homem*, que é o que dá vida ao corpo material. Esse corpo não somente dá vida, como organiza o corpo material.

Os soviéticos, nas suas pesquisas, não obstante o seu materialismo, não obstante estarem interessados em provar que tudo isso se passa no campo da matéria e não do espírito, chegaram à conclusão científica, definitiva, de que esse corpo bioplásmico é a alma do homem, no sentido de que é um elemento que anima o homem. E mais do que isso: eles tiveram a oportunidade de verificar, nas suas últimas experiências, que descobriram o corpo bioplásmico do homem. Eles entenderam então que o homem, na verdade, possui um conteúdo que até agora a ciência não conhecia. E, conseqüentemente, esse conteúdo existe no animal e na planta e representa um elemento que precisa ser estudado e descoberto em sua natureza, em suas leis, pela ciência.

Este é, por assim dizer, o ponto alto da investigação científica no momento e vem nos provar aquilo que até agora é uma disputa puramente religiosa: o animal tem alma ou não tem, a planta tem alma ou não tem? O Espiritismo vem, há mais de cem anos, proclamando que todas as coisas têm alma, porque nada existe apenas como matéria. Onde existe matéria, existe também o espírito, que anima a matéria. Assim, tudo o que conhecemos com vida tem alma. Mas uma é a alma da planta; outra, a alma do animal e outra a alma do homem.

A distância que há entre a alma do animal e a do homem, está na razão. O animal tem pensamento, como nós temos. Mas age por instinto e não pela razão. Por outro lado, o pensamento do homem é criador, o do animal não é. O animal tem pensamento repetitivo. Através dos séculos e dos milênios, as espécies animais repetem sempre as mesmas formas de vida, as mesmas organizações sociais.

Os Espíritos e os micróbios

“Se os Espíritos podem curar, não deviam matar os micróbios?”

Consideramos determinadas coisas oriundas de condições ambientais, como a insalubridade. Então, temos que providenciar primeiro a limpeza ambiental, para que estejamos livres, por exemplo, do surto de uma doença, cujo vírus prolifere num terreno de condições insalubres.

Estamos em um mundo de *provas e expiações*. Nas provas, como o próprio nome indica, temos que enfrentar as dificuldades que surgem, nossos defeitos, os problemas que se avolumam diante de nós e que temos de vencer. Então, estamos sendo provados. Estamos passando por algo que vai provar o nosso grau de adiantamento, de evolução, através das vidas que já vivemos na Terra e das condições adquiridas na vida presente. As expiações correspondem aos nossos erros, nossos crimes do passado. É uma consequência da lei de ação e reação.

Quando nós cometemos uma boa ação, naturalmente estamos preparando boas condições para nós. Mas quando cometemos uma ação má, estamos preparando para nós uma colheita má, no futuro. No momento da expiação, não serão os Espíritos, nem o médico, nem o cientista, tão pouco uma entidade do mundo espiritual, por mais elevada que seja, que poderão intervir em nosso favor. Podem intervir, naturalmente, no sentido de ajudar a suportarmos aquela expiação. Mesmo porque, estamos na Terra com o compromisso de pagar certas dívidas, contraídas no passado, e esse pagamento é para nós tão necessário, que pedimos, no mundo espiritual, para voltar à Terra, a fim de pagá-lo.

Deus e a ordem

“Se Deus existe e é bom, onipresente e onisciente, por que não põe ordem no mundo?”

Deus é o criador da ordem. A ordem do mundo é a ordem da natureza. Deus estabeleceu uma ordem no Universo inteiro, não apenas no mundo terreno, de maneira admirável.

E quando olhamos para nós mesmos? Que maravilha é o nosso corpo, o nosso organismo humano! Se estudarmos um pouco de fisiologia, ficaremos admirados com a perfeição de todos os processos orgânicos, perfeitamente entrosados entre si, para assegurarem o equilíbrio que possuímos em nossa vida, de saúde, e mesmo durante a doença, quando vemos as reações orgânicas, todas determinadas. Por que? Pela ordem; ordem que Deus estabeleceu em nosso organismo.

Pensemos na ordem estabelecida em nosso organismo psíquico, no nosso Espírito, que se compõe, como sabemos, principalmente de *três estâncias* principais, que correspondem às funções totais, que realizamos na vida: primeiramente, a *vida intelectual*, a vida do pensamento. No cérebro, temos a *vida afetiva*, a vida das emoções, cujos centros orgânico e psíquico estão no nosso coração. E a *vida volitiva*, a nossa vontade, que nos leva a praticar as atividades constantes da vida; tudo isso coordenado perfeitamente em nosso psiquismo, em nossa estrutura psíquica. Isto é a ordem de Deus em nós.

A ordem da sociedade humana, entretanto, está entregue em nossas mãos. Por que? Porque Deus quer que nós aprendamos a realizar a ordem, a estabelecer e manter a ordem. Então, Deus nos concede os seus exemplos, colocando-nos dentro da ordem por Ele estabelecida e, ao mesmo tempo, nos dá a capacidade necessária para compreendermos isso e aplicarmos o nosso entendimento na relação da ordem no mundo social.

Enquanto os homens não compreenderem isto estarão sempre distanciados da realidade espiritual cristã. Os homens, em geral, pensam que são criaturas materiais, somente de corpo de carne e

osso, e limitam as suas atividades aos interesses desse corpo e da sua vida em sociedade. Por isso há tantos conflitos e confusões no mundo.

Quando os homens compreenderem que são Espíritos, que estão na Terra de passagem, uma rápida passagem, e que o seu destino é a transcendência, é elevar-se acima da condição humana para atingir a condição superior, então eles poderão começar a estabelecer na Terra uma ordem social à imagem da ordem que Deus estabeleceu no Universo.

A existência de Jesus

“Jesus não teria sido um mito?”

A idéia de que Jesus é um “mito” levou alguns pensadores europeus a publicarem livros a respeito. Mas todo o esforço nesse sentido foi mal dado, diante daquilo que Deus negou a esses pensadores, isto é, diante das provas históricas irrefutáveis da existência de Jesus. Pois Jesus não está na História. Ele fez a História. O mundo em que vivemos é o mundo cristão e o mundo cristão nasceu de que? Dos ensinamentos de Jesus.

Alguns naturalmente se apegam a certas exposições de pensadores materialistas, que querem negar a existência de Jesus. Mas a mesma é tão mais firmada na História do que qualquer outra. Além disso, os fatos comprovados e investigados atualmente, nas pesquisas universitárias, não apenas nas pesquisas dos religiosos, mostram que realmente Jesus existiu, foi um homem, agiu intensamente na Palestina, criou uma nova concepção do mundo, que foi registrada pelos seus discípulos, aparecendo mais tarde nas formulações dos Evangelhos.

Poderão dizer, por exemplo: Os Evangelhos foram escritos muito depois da morte de Jesus. Sim, tinha que ser assim; é preciso saber que os Evangelhos se basearam em fontes muito importantes. Uma delas é chamada *Aslogia*, que são as anotações feitas pelos apóstolos e discípulos-apóstolos, durante as pregações de Jesus.

Aslogia são, portanto, elementos colhidos no próprio momento em que Jesus pregava, em que ele vivia, em que ele agia entre os homens; aquilo que se chama o Proto Evangelho de Marcos, que é geralmente designado pela expressão alemã *Ur Marcos*. Por que *Ur Marcos*? Porque é um Evangelho que surgiu ainda no início da era apostólica, logo após a morte de Jesus, elaborado por alguém que se dizia ser Marcos. Não sabemos se Marcos era ele. Esse Evangelho relatou então a vinda de Jesus e os acontecimentos que foram figurados no Evangelho de Marcos. É por isso que se chama o Proto Evangelho de Marcos. Porque é o Evangelho que vai dar base ao Evangelho de Marcos.

Ernesto Renan, por exemplo, que foi o grande investigador histórico, famoso por suas obras de investigação da história do Cristianismo, tem livros dedicados aos Evangelhos em que explica pormenorizadamente e afirma, de maneira decisiva, que os mesmos nasceram do círculo dos mais íntimos de Jesus, dos seus familiares, dos seus discípulos, daqueles que privaram com Ele. Passados mais de cem anos depois de Renan, aparece na França Charles Lindenberg, grande pesquisador e professor de história do Cristianismo na Sorbonne, que afirma, depois de profundos estudos a respeito, a mesma coisa que Renan.

Os Evangelhos nasceram nos círculos mais íntimos, ligados a Jesus, portanto procedem da fonte dos Seus ensinamentos orais. Se isso não bastasse para provar a existência de Jesus, existem todos os testemunhos, dados pelos apóstolos. Alguém pode dizer: não há na História um registro assim, por um historiador qualquer, da passagem de Jesus na Terra. Realmente, essa passagem foi obscura. Jesus viveu na época do mundo clássico greco-romano. O que era importante, no tempo, era a história de Roma e não a história da Palestina. O que se passava na Palestina tinha pouca importância.

Quando o historiador judeu Josefo trata da história da Palestina, ele não dá atenção a Jesus, porque Jesus era um rabino popular. Ele era uma figura exponencial do mundo judaico; não era nem sequer um sacerdote do templo. Ele era um daqueles tipos de rabinos populares, mestres do povo, que andavam pela Palestina, ensinando.

A grandeza de Jesus não era material, exterior. Não era dada pelos nomes, nem pelos títulos. Era a grandeza moral e espiritual de Jesus que transparecia nos Seus ensinamentos. E a melhor grandeza desses ensinamentos se confirma pelos resultados que eles produziram no mundo.

Qual foi o homem que, humildemente andando de sandálias, pelas praias de um lago humilde, como o lago de Genesaré, pregando nas estradas, nos povoados, nas ruas das cidades judaicas daquele tempo, numa província obscura do império romano, que era a Judéia, qual foi o homem, repito, que dessa humildade e nessa humildade conseguiu produzir, através

simplesmente de palavras, ensinamentos orais, uma revolução total, que transformou a civilização greco-romana na civilização cristã? Quem conseguiu isso? Ninguém. Só Jesus. Esta é a maior prova, a mais decisiva prova de sua existência, do seu trabalho, da sua grandeza.

O pensamento de Jesus modelou a civilização em que vivemos. E ainda esta civilização não conseguiu amoldar-se completamente ao pensamento de Jesus, porque se tivesse conseguido, estaríamos num mundo superior. O que Ele ensinou corresponde à vida do homem terreno.

Para que maiores testemunhos visuais, oculares, da vida de Jesus, que os dos apóstolos todos que o seguiram na sua pregação, que assistiram, de perto ou de longe, a sua crucificação e o seu martírio, que depois deram testemunhos da sua ressurreição e que anunciaram o Evangelho de Jesus ao mundo inteiro? Para que maiores testemunhos do que aquilo que viram e assistiram? Esta é uma confirmação histórica.

Houve, também, um livro publicado em língua espanhola, com um título interessante: “Napoleão é um mito”, no qual o autor, que diz ser sido Jesus um mito, se apoiou num dado curioso: Napoleão era cercado por 12 generais. Veio do Oriente para o Ocidente. Fazia o chamado “trajeto solar”. Era um “mito solar”. Napoleão era como o sol no Zodíaco, cercado por 12 signos. Assim, ligando os pormenores, o autor espanhol elaborou a tese mitológica da existência de Jesus, a qual pretendia que Jesus fosse, também, um “mito solar”.

Ascensão de Jesus

(Locutora do programa) – Lucas, capítulo 24, versículos 44 a 49:
“E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse, estando ainda convosco; que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, e os profetas, e nos Salmos. Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse e, ao terceiro dia, ressuscitasse dos mortos, e que em seu nome se pregassem o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. E destas coisas sois vós testemunhas. Eis que vou enviar sobre vós a promessa de meu Pai, mas vós permanecéis na cidade até que sejais revestidos de poder lá do Alto”.

Esta passagem de Lucas é um dos episódios mais tocantes do Evangelho e, ao mesmo tempo, um dos mais importantes, para a interpretação espírita do mesmo. Nesse episódio Jesus se manifestava em espírito – ressuscitado –, após a morte, portanto. Trata-se, pois, de uma comunicação espírita, aqui transcrita, do Evangelho. Jesus, como Espírito, fala aos seus discípulos e lhes indica algumas coisas importantes; por exemplo: manda que eles permaneçam em Jerusalém, no Cenáculo, a sala de reuniões que eles usavam para fazer preces e cantar louvores a Deus, e que ali permaneçam até que Ele, Jesus, possa enviar sobre eles a promessa do Pai.

Jesus já havia se referido anteriormente a essa promessa do Pai, quando, ainda encarnado, dissera que pediria ao Pai, que é Deus, e o Pai enviaria aos homens o Espírito de Verdade, o Consolador, o Paráclito, que haveria de lembrar tudo o que ele havia ensinado. e ensinar aos homens outras coisas, que eles, naquela ocasião, não tinham ainda capacidade para compreender.

Vemos aí confirmado, nesse trecho de Lucas, palavras referentes a um trecho anterior à ascensão de Jesus, em Betânia. Vemos Jesus falando como um Espírito materializado, como um Espírito no seu corpo perispiritual, mas tornando-se visível aos apóstolos, podendo ser tocado e falar com eles. E ao dizer isso,

Jesus anuncia a vinda do Consolador, do Espírito de Verdade, que seria a abertura, por assim dizer, da mediunidade no mundo.

A mediunidade sempre existiu, mas a mediunidade verdadeiramente orientada, no sentido da espiritualização do homem, começou quando, após a morte de Jesus e sua ressurreição, os apóstolos, reunidos no Cenáculo, em Jerusalém, passaram pelo Dia de Pentecostes, ou seja, o dia em que as línguas de fogo baixaram sobre as suas cabeças e eles começaram a profetizar em várias línguas, falando à multidão que os cercava, nas línguas diversas de todas aquelas pessoas que ali se concentravam, porque na Jerusalém cosmopolita havia pessoas que falavam as mais diferentes línguas.

Esse fenômeno, que o Espiritismo chama de *xenoglossia*, é a faculdade de alguns médiuns de falar em línguas estranhas, em idiomas que não conhecem. Assim, vemos que tudo aqui confirma a Doutrina Espírita, através de uma comunicação de Jesus, após a sua morte.

Vemos, ainda, nesse trecho o problema da ascensão de Jesus. Sabemos que as igrejas cristãs consideram que Jesus subiu ao Céu, depois da ressurreição, com o seu próprio corpo material. O Espiritismo, entretanto, diz justamente o contrário: que Jesus subiu ao Céu com o seu corpo espiritual. O corpo material não pode subir ao Céu, porque o Céu é entendido como um plano superior da Espiritualidade e não comporta a matéria densa, condensada, grosseira, que constitui o corpo humano na Terra.

Assim, vemos que Jesus se eleva, diante dos apóstolos e desaparece. Mas não é o Jesus corporal. É o Jesus espiritual. É o Espírito de Jesus, no seu corpo perispirítico – como dizemos no Espiritismo – que se afastava da Terra naquele momento, para retornar ao elevado plano espiritual a que pertence.

Comunicações espíritas

“Por que até agora nenhum cientista espírita conseguiu inventar um aparelho para falarmos com os Espíritos? As manifestações por meio de médiuns são sempre duvidosas. Não consigo acreditar nessas comunicações. Mas confesso que tenho tendência para aceitar a doutrina. Se eu tivesse uma prova mais concreta, eu seria espírita.”

As comunicações espíritas não se dão apenas através de médiuns, pois desde o tempo de Kardec, e muito antes, numerosas sessões foram feitas no mundo, através de vários sistemas religiosos, quando as manifestações espíritas se davam de diversas maneiras. Por exemplo: no Cristianismo primitivo eram comuns as manifestações espíritas, pois encontramos no Evangelho, nos Atos dos Apóstolos e particularmente nas Epístolas, várias referências a manifestações, dadas diretamente a várias pessoas, sem que os Espíritos se servissem de aparelhos mediúnicos, ao menos aparentemente.

Essas comunicações eram dadas de maneira espontânea. Por exemplo: existe o fenômeno de voz direta que não é a voz do médium. Nada é falado pelo médium. Quando, numa sessão de voz direta, obtemos a comunicação de um Espírito, a mesma vibra no ar, independentemente do médium. A comunicação tem, pois, toda a tonalidade, todas as características do Espírito que se comunica. Um escritor inglês, observando, nos Estados Unidos, uma sessão espírita, recebeu inesperadamente, pela voz direta, uma comunicação de sua irmã, falecida há tempos. Essa comunicação não precisava do esclarecimento de quem se tratava, porque a própria voz da pessoa era reconhecida por aquele que a ouvia.

A comunicação por voz direta é um processo em que o médium fornece todos os elementos materiais necessários para a reprodução da voz do Espírito, no plano material. Esses elementos se constituem das várias experiências que Charles Richet, o grande fisiologista dos fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, teve a oportunidade de fazer com

médiuns de voz direta e verificar a realidade das manifestações nesse sentido.

Charles Richet chamou os elementos de que os Espíritos se servem para materializações, para manifestações de voz direta e para movimentação de objetos, pelo nome genérico de *ectoplasma*. Por que ectoplasma? Porque é alguma coisa que sai do médium, é emitido pelo corpo do médium e vai plasmar fora do médium (ecto = fora; plasma = forma) alguma forma. No caso da voz direta, segundo explicam os Espíritos e os pesquisadores científicos do assunto, esses elementos que saem do médium, constituindo o ectoplasma, fornecem o material, de um organismo vocal, através do qual ele emite a sua voz. Uma vez que o material vocal foi construído de acordo com a própria consciência do Espírito, com a sua mente, sob o seu influxo, corresponde exatamente ao aparelho que ele possuía aqui na Terra, quando encarnado. Daí o fato de a voz do Espírito ser perfeitamente reconhecível.

Além do que dissemos, existe um outro fenômeno muito curioso, que é o fenômeno de escrita direta, que não é feita pela mão do médium, não é psicografia. É a escrita produzida diretamente pelo Espírito. Por exemplo: quando nós lemos, na Bíblia, a história muito curiosa e muito bonita, do Festim de Baltazar, vemos que na parede da sala em que se realizava o banquete, o festim, apareceu subitamente uma inscrição profética, gravada por um Espírito, diretamente na parede.

Essas gravações foram submetidas a processos de pesquisas experimentais e científicas. Elas ocorrem em todo lugar onde exista um médium capaz de fornecer os elementos necessários, ou onde houver médiuns reunidos, que possam fornecer esses elementos.

Desse assunto se servem, também, as pesquisas do professor Friedrich Zöllner, da Universidade de Leipzig, na Alemanha. Nessas pesquisas, Zöllner trabalhava com lousas escolares. Ele pegava duas lousas, juntava-as face a face, lacrando-as ao redor, de modo que nada poderia ser introduzido dentro delas. Colocava as lousas sobre a mesa ou dentro de uma gaveta e fazia-se a sessão. Os Espíritos deixavam escrito a giz, dentro da

lousa, o recado que queriam dar. Certa vez aconteceu uma experiência curiosa, quando um cientista da universidade de Leipzig pediu a Zöllner que obtivesse uma mensagem que ele desejava receber dos Espíritos, porque não acreditava nessa possibilidade. Zöllner colocou as lousas, lacradas pelo próprio cientista, sobre a mesa. Ao abri-las, não havia nada escrito nas mesmas, mas dentro delas havia um papel com um recado para o cientista.

Como vemos, os Espíritos podem gravar a sua escrita diretamente, sem a necessidade de utilizarem a mão do médium. Mais recentemente, está em desenvolvimento um novo processo, que, na verdade, é novo apenas na aparência, por se servir de técnica moderna. Mas é o mesmo processo da gravação direta, a gravação das vozes dos Espíritos em fitas magnéticas, em gravadores comuns.

Há um livro da Editora Cultural Espírita Edicel, em São Paulo, traduzido do inglês, porque foi trabalho publicado recentemente na Inglaterra, por um dos pesquisadores desse assunto. O título do livro é *Os Espíritos se Comunicam por Gravadores*.

Mas, antes deste, já saiu um outro livro, muito curioso, do descobridor desse processo, que foi Joel Busson. Esse livro se chama *Telefone para o Além*, distribuído por uma editora do Rio de Janeiro. Essas formas de manifestação não independem do médium no sentido absoluto, porque é sempre necessário que exista o instrumento material humano, vivo, que possa fornecer os elementos vitais aos Espíritos, para que eles possam comunicar-se com o plano material. Esse processo é independente do médium no sentido de que as mensagens não são dadas através dele e, sim, diretamente pelos Espíritos.

Portanto, aquilo que o ouvinte deseja, que seria um processo de manifestação direta, já existe. Basta que leia os livros da Codificação, particularmente *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, onde encontramos descrições dessa natureza. Na *Revista Espírita*, também de Allan Kardec, há uma experiência muito bonita do Codificador, feita com a editora parisiense Didier, qual

seja a gravação perfeita, em papel, de letras impressas, como se por acaso houvesse, no ambiente, uma máquina tipográfica.

O processo de comunicação

“Sabemos que os livros escritos por Chico Xavier vêm dos Espíritos. Por que os Espíritos não escrevem diretamente esses livros?”

Já vimos, realmente, que é possível ao Espírito escrever diretamente. Muitas vezes têm sido escritas páginas inteiras pelos Espíritos, através da escrita direta. Mas acontece que os processos de comunicação são vários e o processo de psicografia, através de um médium de grande sensibilidade, como é o caso de Chico Xavier, facilita muito a transmissão de mensagens mais extensas. Como exemplo do que falamos, um livro, um romance, como os romances *Há Dois Mil Anos*, *Cinqüenta Anos Depois*, *Ave Cristo* e *Paulo e Estêvão*, ditados por Emmanuel a Chico Xavier, são obras que demandam muito tempo para serem escritas. O ato de escrevê-las pelo processo da escrita direta deve ser, naturalmente, muito penoso para os Espíritos. Então, eles preferem servir-se de um médium que tenha grande sensibilidade e, através desse médium, eles escrevem com mais facilidade e rapidez.

Mas nós precisamos saber o seguinte: quando Chico Xavier recebe um desses romances, ele não está apenas escrevendo, mas também vendo as cenas que se passam. Os Espíritos lhe dão, pela vidência, a cinematografia, por assim dizer, o filme daquele romance que está sendo escrito. Chico vê as cenas e vai escrevendo, de acordo com o que os Espíritos escrevem, através de sua mão. Chico não ouve os Espíritos falando. A sua mão, por assim dizer, fica entregue ao Espírito, que a utiliza e escreve com espantosa rapidez, páginas e mais páginas. É por esse motivo, certamente, por ser um processo mais eficiente e mais rápido, que eles preferem escrever através de um médium.

As manifestações espíritas e a Ciência

“As manifestações espíritas são provadas pela ciência?”

O Espírito hoje é cientificamente provado. Embora os pesquisadores soviéticos lutem para mostrar que as suas próprias conquistas nesse terreno possam ser interpretadas no plano puramente material, a verdade é que o Espírito existe.

Quando o professor Rhine, fundador da Parapsicologia moderna, na Universidade de Houston, nos Estados Unidos, chegou à conclusão científica de que o desligamento não é material e declarou que a mente humana também não é totalmente material, classificando o pensamento como algo extrafísico, existente no homem, ele já deu um passo importante para a comprovação científica da existência do Espírito. E agora, através de pesquisas mais intensas, o professor Ian Stevenson coloca-se frente ao problema da reencarnação em pesquisas com gravações de vozes diretas de espíritos em gravadores comuns. Tudo isso vem comprovando, de maneira absoluta e inegável, a existência do Espírito, a sua independência e a possibilidade de comunicar-se com o homem.

Pesquisadores ingleses da universidade de Londres e da Universidade de Cambridge realizaram um trabalho mediúnico, na própria Universidade de Cambridge, com uma médium de voz direta, para verem se havia manifestação, e obtiveram resultado positivo. A corneta que eles usavam para a voz do Espírito pode ser feita, inclusive, de uma folha de cartolina e, através dela, os Espíritos falam. Porque eles precisam, naturalmente, de um apoio material para a transmissão de sua voz.

Somos Espíritos

Não estamos na Terra para nela permanecermos. Estamos aqui de passagem. Não somos criaturas terrenas. Somos habitantes do cosmos. Milhões de mundos nos esperam no espaço sideral. Humanidades superiores, gloriosas, anseiam por nos receber em mundos felizes, de trabalho e de paz, o grande trabalho da evolução universal.

Não se trata de uma ilusão, mas de uma verdade que dia-a-dia se torna mais visível e mais palpável. “Há muitas moradas na Casa de meu Pai”, disse Jesus. E o Pai de Jesus é o nosso Pai, a Inteligência Suprema, que nos criou para um destino superior. Não façamos da vida terrena a nossa única vida. Não fiquemos agarrados à Terra. O Infinito é o nosso destino.

Não somos feitos de carne e osso. Nem o corpo é somente destinado à morte e à corrupção. Afastemos da nossa mente a idéia de morte. Ninguém morre. O que morre é apenas o corpo material. Ressuscitamos no corpo espiritual, que é o corpo da ressurreição. Os que se entregam à morte, fecham os olhos à vida. Quando morremos na Terra renascemos para a Vida Maior.

As ciências atuais avançam rapidamente, na descoberta da nossa verdadeira natureza. A Física descobriu a antimatéria, provando definitivamente a existência do outro mundo. As próprias religiões se modificam, reformulam os seus conceitos, diante do avanço irreversível da cultura. Vai longe o tempo da ignorância materialista. Estamos entrando na civilização do Espírito.

Tomemos consciência da realidade do Espírito. Aproveitemos a vida no bom sentido, aprendendo com ela a viver o futuro. O presente se esvai a cada minuto que passa. O futuro é a realidade em que nós mergulhamos dia-a-dia. Nosso corpo tem vida limitada, mas nosso Espírito não está sujeito aos limites do tempo. Você é Espírito. Seu corpo é apenas um instrumento da sua manifestação na Terra. Não se apegue ao mundo. Liberte-se do apego à matéria, tome consciência de sua natureza espiritual.

Não se preocupe com os seus problemas, mas procure dar conta do seu recado. Você é um caixeiro-viajante e precisa cumprir as suas obrigações, diante da passagem terrena. Não prejudique ninguém. Não faça maldade. Não explore. Não roube. Seja honesto e procure servir aos outros o mais que puder. O que fizermos para os outros, nos será devolvido por outros. E devolvido com juros!

Santos e demônios

“Por que o senhor não acredita nos santos e nos demônios?”

Quem disse que eu não acredito nos santos e nos demônios? Apenas não aceito a interpretação que é dada pelas igrejas. O demônio é um Espírito mau. Lemos no Evangelho que Jesus fala da expulsão dos Espíritos imundos, dos Espíritos maus, que atormentavam pessoas, obsediavam as criaturas, naquele tempo. Ora, os Espíritos maus foram considerados demônios.

A palavra *demônio* vem do grego *daimon*, que significa espírito, gênio, e não diabo, como se pensa atualmente, Demônio quer dizer, simplesmente, espírito. Por exemplo: o filósofo Sócrates era acompanhado por demônios, que ele chamava de demônios bons, e os consultava constantemente. Quando havia qualquer problema grave de filosofia a ser resolvido, Sócrates consultava o seu *daimon*, o que mostra um episódio mediúnico importante na história da Humanidade.

Para os gregos, os demônios eram bons e maus. Os demônios bons correspondiam aos bons espíritos e os demônios maus a maus espíritos. Assim, portanto, quando se fala em *demônio*, precisamos nos lembrar disso: a expressão demônio, na Antigüidade, não representava o que se entende hoje, quando se aplica o termo *demônio* como se fosse o enviado de Satanás. Não é verdade. *Demônio* quer dizer, simplesmente, espírito.

Sendo assim, o problema da existência dos Espíritos nos leva à compreensão da existência dos bons e maus Espíritos. Os santos são, para nós, os Espíritos superiores. Realmente, a canonização pela Igreja corresponde à função espiritual daquele Espírito. Então, se a Igreja considerou santo o Espírito que realmente não seja, para nós não é santo. Mas, no geral, os santos das atuais Igrejas são Espíritos elevados, que progrediram, na Terra, através de suas atividades, atos bons, que os levaram à canonização.

“As obras de Satanás estão aí, no nosso dia-a-dia. Como o senhor diz que ele não existe?”

Nós espíritas, não aceitamos os demônios como Satanás, como uma entidade oposta a Deus, como um adversário de Deus, o que é um absurdo. Aceitamos a existência dos demônios maus, ou seja, dos Espíritos maus, que são simplesmente Espíritos ignorantes, atrasados, perversos, que existem aqui mesmo, na Terra, encarnados e desencarnados.

Curas de Jesus

(Locutora do programa) – Abrindo o Evangelho ao chamado “acaso”, eis o que surgiu: Marcos, capítulo 8, versículos 22 a 26: “E chegou a Betsaida; e trouxeram-lhe um cego, e rogaram-lhe que nele tocasse. E, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia; e, cuspiendo-lhe nos olhos, e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa. E, levantando ele os olhos disse: vejo os homens; pois os vejo como árvores que andam. Depois tornou a pôr-lhe as mãos nos olhos, e ele olhando firmemente, ficou restabelecido, e já via ao longe e distintamente a todos. E, mandou-o para a sua casa dizendo: Não entres na aldeia”.

Vemos neste trecho do Evangelho o problema da cura, que mesmo quando realizada por um Espírito da elevação de Jesus, implica em algumas providências, que são necessárias, em virtude das condições do próprio doente e da situação do ambiente em que se encontra. Vemos que Jesus se afastou com o cego, saiu dos limites da aldeia e procurou atendê-lo num local solitário. Por que? Porque, naturalmente, as vibrações contraditórias do ambiente em que se encontravam prejudicavam a ação fluídica de Jesus.

Jesus agiu, também, por etapas. Não tivemos uma cura, por assim dizer, instantânea, do tipo que as Igrejas chamam de milagrosa. Foi por etapas: primeiro, ele cuspiu nos olhos do cego. Diz o Evangelho que Ele cuspiu nos olhos. Certamente, passou saliva nas pálpebras do mesmo. Nos convém servirmo-nos de certos elementos materiais, como veículos fluídicos. Esses elementos preparam, por assim dizer, a condição necessária para que os fluidos penetrem na matéria da pessoa que está sendo assistida.

Dissemos que Jesus agiu por etapas: primeiro, o cego viu de maneira imprecisa. Viu os homens como se fossem árvores. Quer dizer: havia uma grande retração na vista, que ainda não lhe permitia ver as imagens com nitidez. Foi necessário, portanto, que Jesus agisse de novo, até restabelecer a vista. Depois, recomendou que o cego não entrasse na aldeia. Por que? Porque, naturalmente, as condições da aldeia não eram favoráveis ao

restabelecimento da vista desse cego. Era preciso que ele se cuidasse ainda, pois a sua situação psíquica, durante o tempo em que esteve sofrendo aquela doença, um processo de ação de entidades vingativas, leva a crer que nesse episódio houve a necessidade de afastamento de entidades.

A própria retirada da pessoa para fora da aldeia era providência necessária para o afastamento dessas entidades desequilibradas e perseguidoras, para ludibriar o sofredor de sua ação. Depois, como vimos, a recomendação de não voltar à aldeia, de ir para casa, distanciar-se do povo, conservar-se num lugar à parte, encontrando no lar a recepção mais carinhosa que lhe podia ser dada e, num ambiente feliz, ele se recuperasse com mais facilidade do sofrimento por que passou.

Para nós espíritas, a significação desse trecho é muito importante, porque mostra Jesus agindo como um verdadeiro médium, como se Ele estivesse ali dando um passe, transmitindo influências e, ao mesmo tempo, resguardando o indivíduo de coisas negativas que pudessem atingi-lo. Foi assim que Ele fez para nos ensinar, porque vemos que depois Ele transmitiu esse ensino aos apóstolos. Ensinou os apóstolos a curar, mandou-os, como sabemos no episódio dos setenta, para cidades, divididos em grupos de dois, para socorrerem os doentes, acudirem os aflitos, curarem, afastarem entidades espirituais malignas.

Exorcismo

“Como o Espiritismo encara as práticas do Exorcismo, usadas no Judaísmo e no Catolicismo?”

São práticas antiquadas que pertencem ainda ao tempo das manifestações espíritas, do ponto de vista mágico ou mitológico. Na verdade, exorcizar um Espírito é uma posição negativa. Porque no exorcismo é feito o afastamento violento da entidade, a sua condenação às penas eternas, que, na verdade, de acordo com o Espiritismo, não existem.

Por outro lado, o exorcismo implica na consideração de que o Espírito é diabólico em dois sentidos: ou é o próprio diabo ou é um Espírito condenado a viver eternamente como diabo. Ora, as pesquisas espíritas a respeito disso revelam que os Espíritos que perturbam as pessoas são Espíritos inferiores, que não têm evolução espiritual: são apegados ao ódio, a rancores do passado ou simplesmente à prática da maldade.

Esses Espíritos não podem ser considerados, de acordo com o Espiritismo, como diabólicos, mas sim, como Espíritos humanos necessitados de amparo, de esclarecimento, de orientação, de correção e até mesmo de amor. Sim, precisam de amor. Por isso, no Espiritismo, nós não temos o exorcismo. Temos a doutrinação, o esclarecimento dos obsessores e, ao mesmo tempo, dos obsedados. Porque o indivíduo considerado possesso, pelas religiões, é um indivíduo que também tem culpa, nas suas relações com o Espírito inferior. É preciso que ambos se esclareçam, para que se afaste o Espírito perturbador, mas sem prejudicar esse Espírito; antes, procurando esclarecê-lo, para que, antes de tudo, se torne acessível a uma solução.

Espiritismo e loucura

“Minha filha, que é médium, está internada no sanatório...”

Se a pessoa é médium e está internada no sanatório, isso não quer dizer, absolutamente, que ela tenha ficado louca pelo fato de ser médium. Isso a senhora precisa compreender. Em *O Livro dos Médiuns*, por exemplo, quando Allan Kardec trata do problema da mediunidade, como também em *O Livro dos Espíritos*, ele afirma: “É preciso compreender que a loucura provém de uma predisposição mental da criatura”.

Muitas pessoas dizem: “Ficou louco aquele meu amigo, por ter estudado o Espiritismo”. Não é verdade. Há muitas pessoas que ficaram loucas estudando música. Outras ficaram loucas estudando matemática, fisiologia e assim por diante. As pessoas que se desequilibram já possuíam, de antemão, tendências para a condição de desequilíbrio, têm deficiências na sua estrutura mental e cerebral.

É preciso compreender isso, para não quereremos atribuir a fatores abstratos aquilo que, na verdade, são encontrados em fatores mais complexos, ligados à sua própria estrutura, seja biológica ou psíquica, da criatura. Na verdade, o Espiritismo foi, durante muito tempo, mais de meio século, acusado de fabricar loucos. Porque isso convinha aos seus adversários. É porque a ignorância a respeito do Espiritismo era total.

As pessoas que conhecem a Doutrina Espírita e as que já sabem que é uma doutrina superior, na sua filosofia, sabem que o Espiritismo não faz loucos, mas cura loucos. Há loucuras que não podem ser curadas, a não ser por processos espíritos, tanto assim que hoje temos, só no Estado de São Paulo, uma rede de mais de 30 hospitais psiquiátricos espíritas. Por que isso? Porque esses hospitais é que têm dado solução aos casos de loucura, que não encontram solução nos tratamentos comuns.

“Um médium curador disse que ia curar o meu filho e o meu filho morreu. Como o senhor explica?”

É claro que os médiuns curadores, se forem conscientes, se tiverem um pouco de conhecimento doutrinário, não dirão que vão curar ninguém. Os próprios médicos, quando conscientes de suas responsabilidades, não dizem isso.

Os Espíritos se servem dos médiuns para curar muitas pessoas, mas não podem curar todos. Os médiuns curadores precisam ter a hombridade de dizer que não curam nada. Eles servem apenas de instrumentos aos Espíritos, para a realização das curas possíveis.

Quando uma pessoa tem uma doença que decorre daquilo a que chamamos de processo cármico (da palavra *Karma*, que corresponde à Lei de Ação e Reação), que é a reação a uma ação praticada por ela mesma no passado, geralmente não pode ser curada. Mas o médium nunca sabe, e nem pode saber, se a doença é cármica ou não.

Xifópagos

“Como se explica, segundo o Espiritismo, o caso das irmãs xifópagas da Bahia, que morreram recentemente?”

O caso do aparecimento dos nossos irmãos xifópagos² implica em duas ordens de coisas: uma dessas ordens está na própria natureza material mecânica. Nós sabemos que há xifópagos não somente no gênero humano, mas também no reino animal. Existem numerosos casos teratológicos, em que vemos manifestações de fenômenos curiosos, no nascimento de animais e no nascimento humano.

No Espiritismo, nós consideramos da seguinte maneira: no campo da mente animal, como no campo vegetal, as manifestações de fenômenos espantosos decorrem de acidentes da própria natureza material. Mas esses fenômenos também ocorrem no campo humano, porque o homem, no seu corpo material, pertence à natureza, neste sentido material. Está sujeito, portanto, a passar pelas mesmas deficiências por que passam os vegetais e os animais. Entretanto, como o homem é uma entidade consciente, existe, no plano humano, uma conjugação entre o material e o espiritual.

O caso, por exemplo, de xifópagas assim, é considerado como o caso da união de Espíritos que foram estreitamente ligados em vidas anteriores e continuaram no espaço numa ligação cada vez mais estreita, muitas vezes o caso de uma ligação não-afetiva, não-amorosa, mas de ligação provocada por tentativas de vingança, de vidas passadas. Os Espíritos se fundem, se misturam, por assim dizer, no mundo espiritual, pela atração, tanto positiva como negativa, e às vezes nascem assim, em corpos fundidos, porque, na realidade, os seus Espíritos já estavam assim, no mundo espiritual.

Quando vêm para a Terra, esses Espíritos são projetados em corpos que correspondem à sua situação espiritual. E a natureza material, conjugada com o campo espiritual, nos dá a manifestação dessas criaturas, em estado que nos parece bastante negativo, mas que, na verdade, tem sentido, dentro do processo

evolutivo dos Espíritos. Seres que se ligaram, que se fundiram através do ódio, acabam sentindo-se unidos nesse momento e dessa deferência mútua o ódio passa a ser substituído pela afeição.

Natimortos

“O que acontece ao Espírito de uma criança, impedida de nascer, porque sua mãe, involuntariamente, provocou um aborto? Minha filha, quando soube que sua amiga havia passado por esse drama, teve uma crise de choro, que eu nunca tinha visto antes. Será que o Espírito de minha filha teve relações ligadas ao Espírito da criança que não pôde vir ao mundo?”

Quando ocorre um nascimento dessa natureza, que independe da vontade da mãe, é claro que não se trata de aborto criminoso. Trata-se, ao contrário, de um verdadeiro acidente. A mulher sofre com isso. A mãe, naturalmente, sofre a decepção da sua vontade, é claro. Pode ter acontecido em virtude dos processos cármicos, decorrentes da Lei de Ação e Reação.

Muitas crianças nascem mortas. Outras passam por um processo de aborto acidental, como neste caso. Por que? Porque elas não vieram ao mundo para viver, para continuar a vida. Submeteram-se a um nascimento abortivo, em condições anteriores, nas vidas passadas. É, por assim dizer, o resgate de uma dívida, de uma falta cometida anteriormente. É claro que a família também participa desse pagamento, desse resgate. Não devemos, portanto, nos preocupar, quando acontece um acidente desse. Devemos compreender que se trata de Espírito que sofre as conseqüências do seu passado.

Muitas crianças vêm ao mundo apenas para nascer e morrer. Isto porque, em vidas anteriores, elas podem, muitas vezes, ter tido uma atitude negativa, no momento do nascimento. O Espírito goza do livre-arbítrio, de liberdade. Então, às vezes pede, no mundo espiritual, uma determinada prova. Os Espíritos incumbidos de prepararem as reencarnações, preparam o renascimento dessa criatura, no mundo material. Mas quando se aproxima o momento do nascimento, o Espírito, apavorado com a causa que tem de enfrentar, muitas vezes exagerando aquilo que ele mesmo escolheu, até mesmo diante da sua própria escolha de provas, rompe com seus compromissos, desliga-se do corpo. Não nasce como devia: vivo. Nasce morto.

Por outro lado, outras criaturas encarnadas que passaram por problemas dessa natureza, em vidas anteriores, são submetidas, ao nascer, após a gestação necessária do corpo, ao processo de um aborto accidental. São provas, como quaisquer outras da vida. O aborto, por vezes, é uma prova de grandes responsabilidades para a mãe, para o pai e todos os familiares que concordaram com ele. Mas, uma vez accidental, que não depende da vontade dos pais, está na linha das provas cármicas, decorrentes da Lei de Ação e Reação.

No caso das reações de sua filha, é evidente que elas podem ter vários motivos. Não devemos buscar imediatamente, em todos os casos, a possibilidade de uma relação espiritual entre esse ou aquele Espírito. Sua filha pode ter-se comovido por vários motivos emocionais, como o esperar, por exemplo, que a criança nascesse bem e que ela tivesse a oportunidade de se alegrar com o seu aparecimento neste mundo. Pode também acontecer que alguma outra emoção profunda, guardada por seu Espírito, tivesse provocado essa reação. Não devemos tentar explicar senão aquilo que nos possa dar elementos para a explicação dos problemas.

Morte

“Os espíritas dizem que não há morte. Como não, se o corpo está sem vida?”

Os espíritas dizem que não há morte, no sentido que se atribui a essa palavra. Porque quando se fala em morte, fala-se em desligamento total do ser, da criatura humana, implicando em dizer que a criatura morre e então desaparece, não existe mais. Essa idéia negativa da morte é errada. Porque a morte, como destruição do ser, não existe. Não há morte nesse sentido. Mas se falarmos que a morte é a destruição do corpo material, então está correto.

A pessoa, quando morre, simplesmente passa do campo material para o campo espiritual. então, na verdade, ninguém morre. Ainda recentemente, num poema psicografado pelo médium Jorge Rizzini, do famoso poeta paulista Cassiano Ricardo (essa poesia está inserida no livro *Antologia do Mais Além*, Livraria Allan Kardec Editora - LAKE), que foi uma das maiores contribuições da poesia moderna no Brasil, num poema típico do seu estilo e sua maneira de falar (o nome do poema é “Morte”), dizia que a morte é uma mentira, porque, na verdade, ele morreu, mas diz que se sentiu mais vivo do que nunca. Então, diz ele que tudo se passa como uma espécie de engano, ou de mágica. Tudo parece uma coisa e é outra. O atestado de óbito, diz ele, é uma piada. Pois deram-lhe um atestado de óbito, o qual diz: Cassiano morreu. Mas, na verdade, ele não morreu, ele está mais vivo do que nunca.

O que acontece é isso. Os espíritas falam que não existe a morte total do ser. E dizem que a morte não existe, para omitir essa idéia de morte. E compreenda que a morte é uma passagem do ser material para um ser espiritual. E que o mundo espiritual é o plano de origem do Espírito: o mundo verdadeiro, que corresponde à nossa natureza espiritual, e onde nós temos que viver.

“Se temos que continuar a viver, por que morremos? Se Deus nos fez imortais, por que nos faz passar pela morte em numerosas vidas? Isso me parece uma incoerência muito grande, da doutrina que o senhor, professor, defende com muita lógica.”

A Doutrina Espírita, na verdade, apenas reflete, na sua estrutura conceitual, nos seus princípios, a realidade. Ela é baseada na pesquisa e na observação dos fenômenos. Assim, verificamos, através dessa pesquisa e dessa observação, que o homem, na sua essência, é imortal. O seu Espírito sobrevive à morte, inclusive em suas relações com o mundo dos vivos. Mas o que perece, o que é mortal, é o corpo material.

Pergunta a senhora se o corpo material não deveria ser imortal. É preciso compreender aquilo que nós chamaríamos a dinâmica das formas. As formas se sucedem, no processo evolutivo. As coisas passam de uma forma para outra. A forma não pode ser sempre a mesma, não pode ser imortal, porque ela marca apenas um momento transitório, um momento de passagem da evolução.

Costuma-se dizer o seguinte: quando o Espírito de uma criatura humana se desenvolveu de tal maneira, nas experiências da vida terrena, conseguiu fazer com que muitas das suas potencialidades ocultas se apresentassem, na realidade, em todo o seu vigor. Então, esse corpo não corresponde mais ao Espírito. É preciso que o abandone. Esse corpo está superado. É velho para o Espírito, que larga esse corpo para usar outro, mais adequado ao seu novo grau de evolução. E assim sucessivamente. De maneira que nesse progresso contínuo, temos a morte como apenas um fenômeno biológico. Esse fenômeno é, pois, um fenômeno da vida. Nós costumamos considerar a morte como a negação da vida.

Prêmio Nobel de Fisiologia, Charles Richet, o grande fisiologista francês do início do século, que morreu em 1935, escreveu uma carta dirigida a Cairbar de Souza Schutel, onde dizia o seguinte: “A morte é o portal da vida”. Richet disse isso porque nas suas experiências de metapsíquica, lidando com os fenômenos de materialização de Espíritos, verificou que, na

realidade, os Espíritos continuam vivos depois da morte e mais livres e mais vivos do que quando viviam aqui na Terra.

Por isso, como nos referimos, disse Richet que “A morte é o portal da vida”. Pela morte, passamos para um plano superior da vida. A nossa visão da morte é bastante mesquinha. Por isso, nós nos aturdimos com ela. Mas, num processo imenso em que se desenvolve o Universo, a inteligência de Deus está presente nas mínimas coisas.

Morte por assassinato

“O Espírito de uma pessoa que teve morte natural reencarna. E os Espíritos das pessoas que morrem assassinadas encarnam ou ficam vagando?”

A Lei de Deus respeita todas as criaturas e não faz nenhuma diferenciação entre as formas pelas quais as pessoas desencarnam. A desencarnação pode ser natural, provocada, acidental, enfim, há várias maneiras pelas quais as pessoas desencarnam. No entanto, isso não influi, absolutamente, na Lei da Reencarnação.

Todas as pessoas morrem, todos os Espíritos reencarnam. Só não reencarnam os Espíritos que atingiram, numa determinada reencarnação aqui na Terra, uma condição evolutiva que os colocam acima do nível de evolução da humanidade terrena. Esses Espíritos, então, têm a possibilidade de não reencarnarem na Terra. No entanto, muitos deles ainda pedem, suplicam a Deus, a possibilidade de voltarem ao Planeta.

Isso se dá, não porque eles gostem daqui. Não que eles achem que aqui seja um paraíso. Mas porque querem evoluir, cada vez mais. Porque aqui estão em sofrimento as pessoas de sua afeição, de seu amor. Então, querem vir ajudá-las. São encarnações missionárias.

Não façamos, portanto, nenhuma separação entre a morte natural e a morte por acidente. E, após ela, temos sempre a reencarnação.

As pessoas assassinadas, como as acidentadas, são pessoas que tiveram uma morte inesperada, mas que nem por isso deixaram de morrer como qualquer outra. O assassinato pode ser uma causa ou o pagamento de resgate de dívidas. “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”, disse Jesus, no Evangelho. É a Lei de Ação e Reação. Aqueles que provocaram a morte de alguém, em vidas anteriores, estão sujeitos a morrerem da mesma forma, em reencarnações posteriores.

Convém notar, porém, que ao se submeterem a essa morte, essas pessoas não têm necessidade de continuar reencarnando, porque a reencarnação é uma necessidade para a evolução do Espírito.

Todos nós, portanto, quando morremos, não ficamos vagando, a não ser por alguns dias, por algumas horas apenas, quando temos a orientação necessária; quando nosso Espírito passa para lá, carregado ainda de idéias inadequadas, impróprias, sobre o problema da vida espiritual. Quando não percebemos que morremos, no caso de muitos Espíritos apegados à matéria, ao passarmos para o mundo espiritual, acreditamos, então, que a morte seja o desaparecimento da criatura. Sentimo-nos ainda vivos, de posse de um corpo, o mesmo corpo terreno, que deixamos aqui na Terra.

Essas pessoas, então, têm a impressão de que não morreram. Não acreditam, mesmo, que tenham morrido. Têm que ser esclarecidas, socorridas pelos Espíritos, que, muitas vezes, as levam às sessões mediúnicas, para que ali, num ambiente mais material, mais adequado à sua condição, através de um médium, recebam, de fato, a informação e verifiquem, de perto, que realmente morreram.

Ressurreição espiritual

(Locutora do programa) – Aberto o Evangelho ao “acaso”, encontramos o seguinte: Mateus, capítulo 24, versículos 1 e 2: O Sermão Profético – A Destruição do Templo: “Tendo saído Jesus do Templo e em se retirando, chegaram a Ele os seus discípulos, para lhe mostrarem os edifícios do mesmo. Ele lhes disse: Vedes tudo isso? Em verdade, vos digo, que não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada”.

Temos, nesta passagem de Mateus, um texto bastante expressivo, pela maneira como Jesus ensinava: prática e objetivamente. Temos uma visão de Jesus como se ele fosse uma criatura divina e só nos desse lições que nos elevássemos acima de todas as contingências humanas.

Quando lemos o Evangelho com atenção, verificamos justamente o contrário. Há momentos em que Jesus é um homem prático: Ele vai direto às questões, aos assuntos. Os discípulos queriam, naturalmente, mostrar toda a imponência do Templo de Jerusalém, que era uma estrutura gigantesca, maravilhosa. Mas Jesus não se importou com isso e lhes deu uma lição: que tudo aquilo que ali estava, maravilhoso aos olhos dos homens, na verdade, podia se desmanchar em questão de segundos.

O princípio espiritual é eterno, mas as coisas materiais são passageiras. Tudo se transforma e desaparece aos nossos olhos, do dia para a noite; tudo é fugaz. Então, Jesus mostrou que aquele templo que ali estava com toda a sua pompa, sua arrogância, porque era o centro da vida política e cultural de Israel, todo aquele edifício gigantesco, aquele monumento, iria desaparecer de tal maneira que não ficaria pedra sobre pedra.

Foi o que aconteceu historicamente. O templo foi inteiramente destruído, por ordem do imperador. Assim sendo, o que seria uma profecia de Jesus, naquele momento se cumpria de maneira plena, absoluta: não ficou, realmente, pedra sobre pedra, dentro do Templo de Jerusalém.

Outras passagens do Evangelho, de outros Evangelistas, mostram-nos Jesus cometendo uma espécie de heresia para os

judeus daquele tempo, quando ele diz que poderia destruir aquele templo em três dias e reconstruí-lo de novo. Outras passagens nos mostram outras posições de Jesus, mas aí é uma posição alegórica. Jesus, na verdade, não se refere, nesse momento, ao Templo de Jerusalém, mas ao templo do corpo. ele está se referindo à sua morte e ressurreição. Então, um dia esse corpo seria destruído, porque o Evangelho nos relata que isto aconteceu. Ele disse: Eu poderei reconstruí-lo, como realmente reconstruiu.

Entretanto, a ressurreição de Jesus, após o sepultamento do seu corpo, é encarada, ainda hoje, no mundo cristão como uma ressurreição da carne. Isto é absurdo. Diz o apóstolo Paulo, claramente, na sua primeira Epístola aos Coríntios, que, quando morre o corpo material, nós o enterramos e ressuscita o corpo espiritual. Acentua o apóstolo que o corpo espiritual é relativamente o corpo da ressurreição. Se o Cristo não ressuscitou, nós também não ressuscitamos. Se nós não ressuscitamos, o Cristo não ressuscitou. E tudo isso mostra, naturalmente, a relação estreita entre Jesus e nós, criaturas humanas. Jesus encarnou, na Terra, porque as suas reencarnações anteriores não foram aqui. Encarnado, ele se apresentava com um corpo que tinha de perecer, porque era um corpo humano. E a ressurreição se deu no corpo espiritual, que é o corpo da ressurreição. Essa passagem, portanto, embora pequenina, implica em problemas evangélicos muito grandes.

Iniciação espírita

“Iniciei, há não mais que dois meses, as leituras da Doutrina Espírita e li *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. Também estou terminando de ler *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec. Já me sinto em condições de participar ativamente dos trabalhos de um centro espírita, apesar de até agora não ter recebido nenhuma manifestação mediúnica. A filosofia e a lógica me convenceram. Gostaria que o senhor, professor, me desse o endereço de um dos dois centros espíritas de que o senhor participa, para que eu, mais um colega de trabalho, os conheça, também.”

Eu posso dizer ao nosso ouvinte que é, para nós, uma notícia feliz, a da sua iniciação espontânea no Espiritismo e, principalmente, através da leitura e do estudo, o que de mais necessitamos no movimento espírita. Sabemos que a maioria das pessoas se aproximam do Espiritismo levadas por motivos particulares muitas vezes dolorosos, como a morte de um ente querido, doenças graves na família ou doenças da própria pessoa. Então, ela é levada a procurar, no Espiritismo, uma ajuda, uma cura. Entretanto, não são muitos os que se aproximam do Espiritismo pela leitura das obras, pela lógica da Doutrina, para poderem encontrar nela uma melhor compreensão dos problemas da vida, do homem, do mundo.

Os que fazem assim são, podemos dizer, quase que predestinados, porque já trazem em si essas idéias e alimentam na sua própria alma, no seu inconsciente, esses princípios que encontram na leitura dos livros espíritas. É por isso que eles se convertem sem ver os fantasmas, nas manifestações de materialização, sem ver os fenômenos de efeitos físicos, sem participar nem mesmo de sessões em que os Espíritos se manifestam e dão provas de sua identidade. Esses são os que acreditam, portanto, antes mesmo de tocarem a realidade do fenômeno.

É para nós agradável encontrar os que se aproximam do Espiritismo. Desejamos ao nosso amigo que continue na sua leitura. Já leu *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Não se esqueça, porém, de

que estas leituras iniciais são feitas com entusiasmo, que não nos deixa perceber as minúcias, os aspectos, às vezes, muito importantes, os princípios doutrinários que escapam a uma leitura tão rápida. Volte a ler esses livros lentamente, com paciência. Pode prosseguir até o fim da Codificação, ainda nesse ímpeto de entusiasmo em que está, lendo também *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*.

Nestes dois livros o nosso amigo completará a leitura total da Codificação, duas das cinco obras fundamentais da Doutrina Espírita. Mas nem assim deve pensar que já leu tudo. Esses livros fundamentais são, por assim dizer, as pedras do alicerce doutrinário. É preciso prosseguir. Há muito que ler, muito que estudar. Como exemplo, podemos citar os livros de Léon Denis, Ernesto Bozzano, Alexandre Aksakof, Gabriel Delanne e tantos outros companheiros de Allan Kardec, que trabalharam ao seu lado, ou que vieram, posteriormente, enriquecendo o Espiritismo com suas pesquisas, seus trabalhos, seus estudos. É necessário lembrar também que existe a *Revista Espírita*, de Allan Kardec. São nada menos que 12 volumes, com cerca de 400 páginas cada um, mas é uma coleção indispensável ao bom conhecimento da Doutrina Espírita. Isto o nosso ouvinte pode observar na própria leitura das obras básicas, onde constantemente há indicações de Allan Kardec, pedindo ao leitor que procure o esclarecimento ou a continuidade de um determinado assunto nesse ou naquele número da *Revista Espírita*.

A *Revista Espírita*, de Allan Kardec, já existe, felizmente, no Brasil, editada em português em 12 volumes. Posteriormente a Kardec, a revista continuou sendo publicada. Mas o que nos interessa, sob o ponto de vista doutrinário, é a coleção referente à época do Codificador (1858 a 1869), porque não traz somente o seu pensamento, mas também os fatos que ele observou, as pesquisas que fez durante cerca de 12 anos, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Constam nesses 12 volumes da revista os relatos das pesquisas, as comunicações importantes por ele recebidas e os seus estudos, desenvolvendo aspectos do Espiritismo que ele, naturalmente, não pôde desenvolver nas Obras Básicas, que

tenham o fim de estruturar a doutrina, mas não entrar em minúcias, em pormenores, que viriam depois e que são importantes para o seu conhecimento mais profundo.

O sofrimento

“Não aceito a teoria da evolução pelo sofrimento. O sofrimento nos torna abatidos e amargos, nos faz piores. Por que Deus nos faz sofrer?”

Na verdade, Deus não nos faz sofrer. Nós sofremos porque o processo evolutivo é naturalmente doloroso. A evolução hoje não é mais uma teoria, é uma verdade científica. É uma coisa que está positivada pela investigação científica, em todos os campos da Natureza. E nós podemos dizer que, não obstante não passem as coisas pelas condições humanas, as coisas também sofrem, na evolução.

O reino mineral evolui. O reino vegetal evolui. O reino animal também tem a sua evolução e o reino hominal, que como nós sabemos, é o reino do homem, é aquele onde a evolução culmina. Deus quer apenas que no processo evolutivo as coisas avancem, como dizia o dr. Gustavo Geley, do inconsciente para o consciente. A evolução é o desabrochar de potencialidades ocultas, nas coisas e nos seres. São as forças que despertam.

Um exemplo disso: quando plantamos uma semente no solo, essa semente, aos poucos, graças ao ambiente em que se encontra, pela excitação, provocação dos elementos que a cercam, começa a germinar e dela sai uma árvore, que ali existia como um esquema, como um plano a ser realizado. Mas para realizá-lo, quanto esforço foi necessário?

A semente rompe a sua casca. Isso, no plano humano, consideraríamos como dor. No entanto, no plano vegetal, pensamos que não há dor, como aquela que sentimos aqui no plano humano. Mas há um esforço, uma luta, uma batalha, para que a semente consiga romper a sua própria casca e dessa casca possa então brotar, germinar aquela planta que realmente vai se desenvolver. Tudo isso nós poderemos considerar como sofrimento. Mas esse sofrimento nada é, diante da eternidade das coisas.

No mundo nada perece, tudo se transforma. No Universo inteiro a vida canta vitoriosa sobre a dor, o sofrimento, a morte.

Onde há morte há sempre uma passagem da vida, de um plano inferior para um plano superior. Deus não quer que sofram e não nos faz sofrer. O processo evolutivo natural exige de nós, de todas as coisas, um esforço contínuo, para a superação própria. Mas essa caminhada de superação é a busca da felicidade. Nós caminhamos para a felicidade, para a plenitude espiritual.

Os caminhos da salvação

“Gostaria que o senhor mandasse um Espírito materializado aparecer no meu quarto, à noite. Se isto acontecer, eu viro espírita.”

Seria muito interessante que o senhor visse um Espírito materializado. Mas não precisa virar espírita por isso. Eu gostaria de explicar ao senhor o seguinte: nós, espíritas, não temos nenhum interesse em que o senhor vire espírita. Ninguém vira espírita. Nós divulgamos a Doutrina Espírita por uma questão de consciência, por um dever moral.

A Doutrina Espírita traz grandes consolações para as pessoas. Além disso, ela esclarece as pessoas a respeito da vida humana na Terra; sobre os deveres do homem; sobre o que ele deve fazer para viver melhor, não somente aqui neste mundo, mas também no mundo espiritual. Assim, é o nosso dever divulgar a doutrina, levá-la ao conhecimento das pessoas que desejam conhecê-la.

Por isso, fazemos a sua divulgação. Mas não é com a intenção de fazer prosélitos (adeptos convertidos a uma doutrina). As religiões proselitistas são religiões organizadas em torno de igrejas. Elas precisam de adeptos. Têm um dogma, que é o dogma da salvação. De acordo com o mesmo, as pessoas só se salvam através daquela determinada Igreja. então, elas precisam fazer proselitismo, procuram convencer as outras pessoas para elas, porque, se acreditam que ela é o único caminho da salvação, é necessário que os seus adeptos compreendam isso e trabalhem para trazer outras pessoas àquele caminho de salvação.

No Espiritismo, a salvação existe para todos. Nós não consideramos ninguém excluído da salvação. A salvação, para o Espiritismo, se processa através da evolução. O espírita se salva da ignorância, do erro, do egoísmo e da maldade evoluindo. Não há perdição no inferno. O inferno é uma alegoria, não existe. A perdição é o estado de ignorância, de miséria, da situação inferior da criatura. Não é uma perdição total, mas em sentido passageiro.

Enquanto a pessoa permanecer naquele estado, ela está perdida, por assim dizer. Está num plano inferior, sofrendo, mesmo que pense que está muito bem. O seu Espírito sofre uma tremenda pressão, naquele estado inferior em que se encontra. Então o Espiritismo não procura fazer com que essas pessoas venham a tornar-se espíritas para se salvar. Porque todos se salvam, sejam materialistas, sejam espíritas, católicos, protestantes ou não tenham religião alguma, nem posição filosófica nenhuma. Não importa.

A evolução é um processo contínuo. Ela se desenvolve no tempo, incessantemente. E nós evoluímos, queiramos ou não. Como dizia um poeta tchecoslovaco: “Nós amadurecemos, mesmo que não queiramos”. Todos nós amadurecemos nas vidas futuras, através das reencarnações. Com o desenvolvimento de nossas potências interiores, de nossos poderes espirituais, vamos superando a ignorância, a maldade e o egoísmo e nos tornando capazes de viver uma vida mais ampla e mais bela. Esta é a única salvação que o Espiritismo admite.

No Espiritismo não existe igreja, não existe clero. Existem apenas agrupamentos de pessoas, que constituem grupos espíritas, centros espíritas, ou sociedades espíritas de vários tipos. Mas essas sociedades são sociedades civis, devidamente registradas em cartórios. A filiação, por exemplo, a uma federação, não é nunca obrigatória. Filia-se a um Centro aquele que deseja beneficiar-se de seus favores, ou dos favores que as federações podem dar aos diversos Centros filiados. Cada sociedade espírita é autônoma e deve reger-se por si mesma. Enfim, no Espiritismo não há esse interesse de proselitismo.

Eu não posso mandar um Espírito materializar-se no seu quarto, porque não sou mágico nem feiticeiro. Quem “manda” nos Espíritos são os mágicos. É uma suposição, claro. Eles não mandam coisa alguma. Mas a magia parte desse princípio: o feiticeiro usa certos instrumentos, certas coisas, faz certas misturas e julga que, com isso, submete os Espíritos ao seu domínio. Então eles podem mandar o Espírito para cá, para lá, como exemplo, num despacho, onde manda-se um Espírito inferior atacar uma pessoa. Isto é um ato de magia.

No Espiritismo não existe magia. Nós sabemos que os Espíritos são livres. São criaturas humanas como nós e mais livres do que nós, porque já não pertencem mais ao mundo terreno. Não dispõem de um corpo material que os iniba, que perturbe as suas atividades. Dessa maneira o Espírito, assim liberto, é mais livre do que nós. Não é porque nós o chamamos, o evocamos, que ele vai submeter-se a nós. Não temos poder nenhum para submetermos um Espírito à nossa vontade.

Conseqüentemente, eu não posso fazer este ato de magia, que é mandar um Espírito materializar-se no seu quarto. Mas pode acontecer que o senhor tenha mediunidade, para ver um Espírito diante de si, de repente. Eu peço a Deus que isso aconteça, a qualquer momento, não para torná-lo espírita, mas para que o senhor tenha a sua própria experiência, que seria muito interessante.

Romances Barrabás, Lázaro e Madalena

“O romance *Lázaro*, do prezado professor, é uma obra inspirada pelos Espíritos, é obra mediúnica, ou de sua própria invenção, como escritor?”

Eu não sou médium psicógrafo. Não obstante, todos nós temos mediunidade. E aquilo que a gente chama de inspiração, vem, às vezes, do nosso próprio interior, do nosso inconsciente. Quando tocamos em um assunto qualquer, um objeto qualquer, um fato que desperta, que provoca nossas idéias profundas e essas idéias nos vêm à tona, elas passam do plano subliminar da consciência para o plano supraliminar.

É nesse momento que sentimos um ímpeto de escrever, desenvolver certos assuntos, ímpeto esse a que damos o nome de inspiração. Mas também existe a inspiração das musas, de que falavam os gregos e os romanos antigos; a inspiração dos Espíritos, que realmente, quando sentem a nossa atração por um certo assunto, que interessa a eles, aproximam-se de nós para nos trazer as suas idéias, transmitindo-nos o seu pensamento telepaticamente e auxiliando-nos em nosso trabalho.

O romance *Lázaro* faz parte de uma trilogia, isto é, de uma série composta de três obras subseqüentes: *Barrabás*, *Lázaro* e *Madalena*. A obra *Lázaro* é o romance de miolo, por assim dizer, de centro. Eu acredito, realmente, que fui bastante inspirado no desenvolvimento dessas três obras.

A finalidade desses romances não é apenas distrair. Não é contar histórias, nem mesmo evocar o tempo que eu procurei descrever. Não é apenas estudar, aprofundar o estudo de um problema de interesse profundo no campo do Cristianismo e do Espiritismo, que é o problema da conversão. Nós vemos ali que eu procuro dar, em linhas gerais, um panorama, por assim dizer, as modificações desse mundo dominado pelo Império Romano e a transformação desse mundo, ou seja, a conversão do mesmo num mundo cristão.

Cada um desses personagens representa, na trilogia, um tipo significativo, um símbolo. *Barrabás*, por exemplo, personifica a

violência do mundo grego, pois era ele estribado na violência. Barrabás é uma figura violenta, que quer expulsar os romanos da palestina, através de guerrilhas e lutas sangrentas. Mas a ele se opõe a figura de Jesus, trazendo uma mensagem de paz e amor, de fraternidade entre os homens. Na novela *Barrabás* temos a luta da violência contra a não-violência.

Do mundo novo que vai surgir em *Lázaro*, temos o problema da impureza, o mundo impuro, considerado assim porque inteiramente dominado por princípios não somente de violência, como também de sensualidade. Esse mundo que vai nascendo, o mundo cristão, o mundo ideal, arranca o homem da animalidade, para conduzi-lo à espiritualidade e Lázaro simboliza, principalmente na sua vida, essa passagem, essa transição da consciência humana, de um plano para outro.

Em *Madalena* temos a conversão, no seu sentido mais profundo, que é o princípio do amor dionisíaco, o amor, podemos dizer assim, demasiadamente carnal, dos tempos antigos, que predominava no império, que dominava até mesmo a coluna grega. Esse amor converteu-se, na pessoa de Madalena, no amor sublime, espiritual, do Cristo. Madalena era, como sabemos, uma mulher cortesã, que, de acordo com as regras do tempo, exercia o seu poder feminino sobre os homens, para influir em todos os sentidos, na política do tempo, e dominar os palácios reais. Essa mulher, entretanto, depois de encontrar-se com Jesus, converte-se numa criatura santificada, depura-se; Jesus a liberta dos sete demônios que a perseguiram, dos Espíritos inferiores que a dominavam, que a torturavam e que a prendiam nas idéias inferiores da Terra, para que ela se convertesse naquilo pelo qual ansiava o seu Espírito: a pureza, a beleza e o amor sublime. Jesus toca o seu coração e sua consciência e a desperta para isso. Temos em *Madalena* a conversão, no seu momento mais profundo, naquilo que toca a emotividade, a afetividade das criaturas, que se transformam moralmente, no mais profundo de si mesmas.

Essa trilogia me foi dada como inspiração, certamente de Espíritos bondosos, interessados nesse problema, que viram em mim, por certo, a possibilidade de fazer alguma coisa em favor

do desenvolvimento desse tema. É assim que eu lhe posso responder: que, realmente, nós que escrevemos, como todos os que trabalham dedicadamente em qualquer coisa, conhecemos a inspiração.

Nós sabemos que não só o artista é inspirado, mas o homem de trabalho, que realmente se devota ao seu ofício, também é inspirado na execução de seus serviços e essa inspiração está sempre presente, quer sejamos espíritas ou não, quer sejamos médiuns ou não. A inspiração não depende mais do que o sopro do Espírito sobre nós, transmitindo-nos as suas idéias e suas emoções, para que sejamos impulsionados por elas.

O romance *Madalena* me deu mais trabalho do que eu imaginava, porque envolve problemas sérios, no tocante à psicologia humana e ao desenvolvimento da criatura humana na Terra. Aprofunda o problema da conversão; como um Espírito se converte, isto é, como um Espírito muda de posição mental e emocional, saindo de um campo de pensamento para outro, passo que ele dá com dificuldades. No caso de *Madalena*, essas dificuldades foram enormes.

Mediunidade e Lei de Causa e Efeito

“No cumprimento da Lei de Causa e Efeito, quem não é médium está numa condição mais satisfatória do que quem o é?”

O seu raciocínio, feito assim, de um ponto de vista puramente terreno, circunstancial, parece certo. Mas, na verdade, não é isso o que acontece. O médium não é apenas submetido a um processo de resgate cármico, através da mediunidade. Os resgates cármicos, assim chamados, são as reparações de nossas faltas, de nossos erros, de nossos abusos, de nossos crimes, cometidos em vidas anteriores, contra outras pessoas. Então, nós temos vários tipos de relacionamento, nesse resgate.

Quanto ao nosso relacionamento pessoal, nesta encarnação, com pessoas a quem prejudicamos em uma encarnação anterior, por exemplo, esse resgate se passa no plano social. Nós nos encontramos com essas pessoas, seja dentro da nossa família, na nossa própria casa, seja nas nossas relações sociais. Elas nos acarretam, naturalmente, várias dificuldades, porque têm, por assim dizer, o que cobrar de nós.

É preciso compreender que esse negócio de cobrar e de pagar é puramente figurativo, simplesmente simbólico. Essas pessoas então nos cobram, por assim dizer, o que fizemos de mal para elas, em vidas passadas. Nós, agora, temos de reparar esse mal. É com essa intenção que viemos aqui, a esta encarnação. Nós pedimos a oportunidade de reparar o mal que fizemos a essas pessoas, por uma questão muito simples: porque a nossa consciência espiritual nos acusa. Ela tem para nós um peso esmagador, enquanto não conseguimos reparar aquilo que fizemos de mal. É, portanto, uma questão de remorso, remorso espiritual.

Além desse relacionamento social, nós temos também o relacionamento espiritual. São Espíritos de pessoas que sofreram conosco, que foram por nós perseguidas, maltratadas, injustiçadas. Esses Espíritos, então, se aproximam, querendo, na atual encarnação, que lhes paguemos aquilo que lhes devemos;

pagar, figuradamente, quer dizer repararmos, junto a elas, o mal que lhes cometemos.

Se formos médiuns, o resgate, nesse sentido, pode ser feito através da convivência com Espíritos perturbadores, obsessores, infelizes e, portanto, Espíritos que estão sofrendo na vida espiritual não só pela sua inferioridade própria, mas também porque os lançamos em situações difíceis, despertamos neles sentimentos de revolta e de vingança, com as nossas injustiças, com a nossa arrogância do passado.

Então, se formos médiuns, temos a obrigação, o dever de, através de nossa mediunidade, conduzir esses Espíritos sofredores ao esclarecimento necessário. É nesse caso, nesse ponto, que se diz que a mediunidade é uma provação. Mas, na verdade, a mediunidade não é provação nem prêmio. É simplesmente uma faculdade humana natural.

Todos somos médiuns. Por que? Em que consiste a mediunidade? Consiste numa faculdade que têm certas pessoas de se relacionarem com os Espíritos e servirem para que estes se comuniquem, possam falar com as pessoas do nosso plano material, encarnadas na Terra. Essa faculdade, como todas as faculdades humanas, é mais acentuada em alguns indivíduos e menos em outros. Acontece, então, que chamamos de *médiuns* as pessoas que têm essa faculdade bastante aguçada e que, por isso mesmo, estão acentuadamente sujeitas à influência dos Espíritos. É um desenvolvimento, para transmissão de comunicações.

Chamamos de médiuns, especificamente, essas pessoas que possuem a mediunidade em alto grau, a sensibilidade mediúnica bem desenvolvida, assim como chamamos de artistas as pessoas que têm o senso estético bem desenvolvido. É uma questão, portanto, individual, de cada um. Não é a mediunidade, em si, que constitui a provação. A provação decorre daquilo que fizemos, daquilo que, em vidas anteriores, praticamos para com as pessoas com as quais nos relacionávamos.

Nesse sentido, quer o indivíduo tenha ou não a sensibilidade mediúnica aguçada, ele estará sujeito a essas condições, estará

sujeito à mesma provação. Poderíamos dizer que, em alguns casos, sendo médium, a vida do indivíduo torna-se para ele mais fácil. E mais fácil pode se tornar a solução do seu problema, porque ele pode colocar-se como instrumento de salvação daqueles Espíritos que estão em situação muito difícil, no mundo espiritual. Ele pode contribuir com a sua mediunidade para recuperá-los, para esclarecê-los, elucidá-los.

Nesse caso, essa situação poderia oferecer uma grande oportunidade para a evolução espiritual do médium. Se essa pessoa não for médium, ela pode, entretanto, fazer a mesma coisa, porque a sua conduta, na vida atual, o seu comportamento, a sua maneira de encarar os problemas humanos, vão influenciar os Espíritos que dela se aproximam com instintos vingadores e que, entretanto, observam que a pessoa se modificou, que melhorou, transformando-se moralmente, e isso serve de lição, de exemplo, para que esses Espíritos também procurem melhorar, se esclarecer.

A mediunidade não pode ser encarada, assim, como provação. A provação se dá, tanto através da mediunidade como fora dela. Por exemplo: pessoas que nunca foram médiuns, que não são médiuns, de repente se mostram obsedadas, perturbadas, por influência espiritual. Precisam, então, recorrer aos Centros Espíritas, freqüentar os tratamentos espirituais, para que aquelas entidades perturbadoras sejam afastadas, não no sentido do exorcismo, expulsas do indivíduo, afastadas para longe dele, por um processo mágico que vem da mais remota Antigüidade, mas afastadas através do esclarecimento, no sentido de reconciliação, de esquecimento das mágoas do passado.

Foi por isso que Jesus disse, no Evangelho: “Acerta o teu passo com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele”. Quando nos encontramos a caminho aqui na Terra, com pessoas que nos são adversárias, que não gostam de nós, que nos prejudicam, que nos perturbam, ou com Espíritos que nos perturbam, o que temos a fazer é acertarmos o passo, enquanto estamos a caminho, porque se estamos protelando a situação, eles virão mais tarde, em outra encarnação, nos perturbar de novo.

A Lei, portanto, é geral e não faz discriminação, não privilegia a ninguém. O fato de o indivíduo ser médium não é um privilégio especial. Mas a mediunidade pode, também, ser uma conquista do indivíduo. Através do estudo perseverante e orientação adequada nos centros espíritas, ele pode desenvolver a sensibilidade mediúnica, a sua capacidade de percepção extra-sensorial, como diz a parapsicologia. E esse desenvolvimento lhe proporciona, como a recompensa de uma conquista por ele realizada, a sua própria evolução, a possibilidade de melhor tratar da solução de seus problemas anteriores.

Os médiuns e as doenças

“Um grande médium brasileiro foi operado num hospital de São Paulo, há alguns meses. Esse mesmo médium dá receitas para muitas pessoas e se trata com médicos. Como explicar a contradição?”

Não há contradição nenhuma. Os médiuns curadores dão receitas e também sofrem doenças, eles podem curar os outros e, às vezes, não podem curar-se a si mesmos. No tocante ao fato de os Espíritos curarem as pessoas, através dos médiuns, e não curarem o próprio médium, devemos compreender que a cura dos Espíritos é praticada num caso ou em outro, quando se faz realmente necessária; quando é necessário um socorro que, às vezes, a medicina terrena não pode dar à pessoa doente.

Desse modo, o problema da cura espírita não é, como se pensa, uma cura generalizada, ou seja, os Espíritos não podem curar todo mundo, a todo o momento. Por outro lado, há doenças, e mesmo epidemias, que decorrem de processos cármicos, ou seja, de relações de existências anteriores, de pessoas que se encontram presentes agora, aqui na nossa vida atual. Nesses casos, os Espíritos não podem intervir nesses processos cármicos, que são, por assim dizer, condicionamentos provindos de ações e atitudes das pessoas em vidas anteriores, repetindo-se, na vida atual, às vezes de maneira muito intensa. Cabe a nós, criaturas humanas, tomar providências, aqui na Terra.

No tocante às condições que podem ou não favorecer a transmissão de doenças ou a eclosão de epidemias, é uma situação curiosa, que acontece com muitas criaturas no mundo. Elas podem, através de uma bênção, curar pessoas e às vezes não podem curar-se a si mesmas, porque as doenças que estão sofrendo são provas pelas quais elas têm que passar, aqui na vida terrena.

O médium Arigó

É possível que um médium possa, com um passe, curar uma doença numa pessoa, mas não possa curar a mesma doença nele próprio, porque se trata de um prova pela qual está passando nesta vida, algo que certamente foi provocado por ele mesmo, pelo seu Espírito, uma experiência decorrente de suas atitudes em vidas anteriores. Nós todos estamos sujeitos a essas doenças cármicas.

Como exemplo, podemos citar o médium José Arigó, um dos maiores médiuns de cura que já passaram pelo mundo, de extraordinária capacidade curadora, não apenas como cirurgião, praticando a cirurgia paranormal, mas também um médium capaz de curar uma pessoa através de um passe. Na verdade, não era ele quem curava. Eram os Espíritos e, particularmente, o Espírito do Dr. Adolfo Fritz. Entretanto, Arigó sofria do coração.

Os cientistas norte-americanos que estiveram no Brasil chegaram a verificar um fenômeno curioso, nas pesquisas sobre Arigó: quando o médium estava submetendo-se ao exame deles, revelava-se o cardíaco em estado perigoso, mas quando Arigó incorporava o Dr. Fritz, isto é, quando ele recebia esse médico do plano espiritual para receitar, os exames médicos através de toda aparelhagem rica e minuciosa que os americanos trouxeram para o Brasil, não acusavam nenhuma deficiência cardíaca em Arigó, porque ele estava sob a influência do Dr. Fritz, que supria suas deficiências cardíacas, naquele instante. Então isso mostra muito bem que o Dr. Fritz tinha a possibilidade de curar Arigó, mas ele não podia curá-lo, porque Arigó tinha aquela doença como uma espécie de prova, a que tinha de submeter-se nesta vida, como realmente se submeteu.

Magia, exorcismo e obsessão

“O que é magia simpatética?”

Chama-se *magia simpatética*, em sociologia, aquela conhecida forma de magia pela qual os selvagens procuravam transmitir doenças e situações dolorosas e difíceis a uma pessoa, fazendo um bonequinho de cera, com a figura aparente da pessoa que eles queriam atingir.

Essas práticas se propagaram na Idade Média, dando motivos até a numerosos processos de feitiçaria, principalmente em Roma, onde se intensificou muito a luta pelo poder. Houve, naquele tempo, e vimos, através da história, numerosos clérigos e nobres envolvidos em práticas de feitiçarias, para derrubar os poderosos do tempo, substituí-los no poder, uma espécie de guerra mágica que se processava. Numerosos processos encontram-se nos arquivos do Vaticano, realizados para descobrir quem estava fazendo magia contra quem. O coronel Alberto de Rochas, que era um professor do Instituto Politécnico de Paris e foi o seu diretor, publicou um livro interessante, que existe no Brasil, editado pela Edicel - SP, com o título *A Feitiçaria*, em que ele evoca todo esse tempo de luta com essa espécie de magia.

Praticamente, é a magia simpática, ou seja, que age por simpatia, adotando-se um processo de ligação e afinidade com a pessoa. Então, através dessa simpatia que se estabelece, quer dizer, dessa relação simpática, entre a pessoa e o feiticeiro, o feiticeiro tendo em mãos um pouco de cabelo da pessoa, um objeto de uso dela ou outra coisa qualquer, e fazendo a imagem da pessoa através da qual ela age, pode atingir a pessoa. Isto é o que se chama *magia simpatética*, em Sociologia.

– 0 –

“A prática do exorcismo não deveria ser proibida pelo Papa?”

Eu não compreendo, meu caro ouvinte, como você quer que o Papa proíba a prática do exorcismo, que é uma prática do

Catolicismo. Sua Santidade, o Papa, é o chefe supremo da Igreja Católica. De maneira que ele não teria motivo nenhum para decretar essa proibição. Além disso, a prática do exorcismo, que vem das religiões mais antigas do Oriente e mesmo do Cristianismo procede diretamente do Judaísmo. Os judeus praticavam e praticam até hoje uma forma de exorcismo, a mesma que deu origem à forma de exorcismo do Catolicismo. Não há motivo, pois, do ponto de vista da sua pergunta, que o Papa viesse a proibir o exorcismo, a menos que o mesmo estivesse prejudicando a sua Igreja.

– 0 –

“Tem certos sacerdotes, ou padres, que procuram combater Espíritos através do exorcismo, expulsando os demônios, que não existem. Nós devemos, sim, orar àqueles pobres Espíritos. Não é verdade, professor?”

Perfeitamente. Porque são Espíritos inferiores, sofredores e que se servem do nome do diabo como uma forma de amedrontar mais, não só aquela pessoa que eles estão atingindo, como as outras pessoas que querem salvar o obsedado, o perseguido. É necessário que, ao invés de afastarmos os Espíritos com práticas de expulsão, que pertencem a um passado longínquo, remoto, da humanidade, nós, que compreendemos o problema e sabemos que os Espíritos que atuam sobre uma pessoa são nossos próprios irmãos em humanidade, criados por Deus e filhos de Deus, como nós mesmos, dediquemos um pouco de atenção a eles, porque estão num plano bastante inferior da Espiritualidade. Nesse plano eles não têm felicidade, não têm alegria e sofrem. Eles levam uma vida, muitas vezes, de mais sofrimento do que aqui na Terra. Se procuram atacar uma pessoa, é porque querem vingar-se de alguma coisa que lhes fora feita em vidas anteriores.

É necessário que nós compreendamos e deixemos de lado as práticas violentas de expulsão dos Espíritos, apelando para as práticas espíritas de desobsessão, que são práticas de doutrinação, através das quais tanto se doutrina o obsedado quanto o obsessivo. E o nome do diabo fica praticamente excluído, porque, se nós chamamos um Espírito desses de diabo,

de demônio, eles ficam satisfeitos com isso. Porque eles acham que estão se impondo, que nos estão atemorizando, ao passo que, tratando-os como criaturas humanas, o que na realidade o são, conseguimos tocar-lhes o coração e a consciência. Pois todas as criaturas, encarnadas e desencarnadas, mesmo aquelas que nos pisam e nos maltratam, têm consciência, afetividade e sentimentos. E quando tocamos nesses pontos de suas personalidades elas se arrependem do que fizeram, se convertendo, mais cedo ou mais tarde, ao bem.

– 0 –

“Às vezes eu fico toda esquisita e me vem um pensamento assim: ‘não gosto deste Planeta. Gostaria de ir logo para outro’. Então, vem à minha mente a imagem de um lugar que parece que conheço, Isto se passa logo e parece que saí de um sono hipnótico.”

É bom que a senhora tenha cuidado com essa situação, porque, em geral, isso decorre de uma condição do nosso próprio Espírito. A senhora não se sente bem na vida terrena; o seu Espírito desejaria coisas que não encontra aqui na Terra. Pode ter saudades, reminiscências de paragens do espaço onde viveu, de uma vida mais feliz do que aqui. Então o seu Espírito, ao lembrar-se dessas coisas, numa lembrança vaga que parece uma aspiração secreta, que sobe do íntimo, cai num estado de melancolia.

Há em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* um capítulo chamado *Melancolia*, que a senhora deve ler. Esse capítulo esclarece bem o problema. *Melancolia* é um tópico no meio do capítulo V - *Bem Aventurados os Aflitos*, onde a senhora encontra a mensagem de um Espírito, interessante e esclarecedora, a respeito desse problema.

Nós estamos na Terra porque precisamos. O seu Espírito pediu para vir aqui. Porque nós todos precisamos vir à Terra, a fim de recompormos certas situações que criamos em vidas anteriores e desenvolvermos melhor as nossas potencialidades internas, aperfeiçoando-nos moral e espiritualmente. Temos, então, de enfrentar os problemas aqui na Terra, na vida em que estamos. Mas quando essas sensações, que nos proporcionam um

desejo de fuga, como no seu caso, nos atingem e nos querem levar para longe da realidade, nos querem afastar do cumprimento dos nossos deveres imediatos, aqui na Terra, isso pode ocorrer, ainda, devido à influência de Espíritos interessados em perturbar a nossa evolução, de Espíritos que vêm atrapalhar-nos e que incentivam isso, com suas idéias.

Esses Espíritos começam a nos transmitir pensamentos favoráveis àquilo que estamos pensando e vamo-nos aprofundando, cada vez mais, nessa situação aleatória de abandono, alienando-nos do ambiente e da realidade, procurando uma felicidade impossível neste mundo, ou querendo escapar deste para outro mundo melhor.

Esses pensamentos nos fazem deixar de cumprir muitos dos principais compromissos aqui na Terra e, então, teremos que ficar mais apegados, ainda, ao Planeta, pela necessidade de cumprir, em vidas posteriores, o que deixamos inacabado. Fuja, portanto, cara ouvinte, disso. Evite essas situações. Quando isso ocorrer, leia a mensagem: *Melancolia*, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, eleve seu pensamento a Deus. Peça forças para continuar. E não se entregue a essas sensações, porque isso depende, principalmente, da nossa força interior. Se a senhora se recusar a entregar-se, não cairá nesse estado.

O Apocalipse

Comentário de Herculano Pires após a leitura do capítulo 22, versículo 8, do livro Apocalipse.

Chegamos, amigos ouvintes, à hora do Evangelho de Jesus, em Espírito e Verdade. Não para sermões, mas para explicações. O Evangelho aberto ao acaso nos oferece, em *Apocalipse*, capítulo 22, versículo 8, a seguinte passagem:

“E eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo-as ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava para adorar. Ele me disse: Vê, não faças tal. Sou um servo contigo, com teus irmãos, os profetas e com todos aqueles que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus”.

Estas palavras, estes versículos, estão praticamente no final do livro *Apocalipse*, que é, como sabemos, o último livro do Novo Testamento. O *Apocalipse* é um dos livros de mais difícil discussão, de mais difícil debate, porque é o de mais difícil interpretação. Nos meios religiosos do Cristianismo, em suas várias religiões, em suas várias seitas e ramificações, encontramos interpretações, as mais diversas, para as passagens dos versículos deste livro, que é o *Apocalipse* de João.

Sabemos que João recebeu este Apocalipse na Ilha de Patmos. E, ao recebê-lo, ele considerou que era o próprio Jesus quem estava lhe transmitindo uma mensagem profética, através das alegorias que enchem todo esse livro de um brilho, de uma beleza estranha, cheia de imagens, muitas vezes fulgurantes e, às vezes, assustadoras. Entretanto, a verdade é que esse livro se insere, por assim dizer, na seqüência dos muitos apocalipses, que, naquele tempo, eram publicados na Judéia.

Houve, na Judéia, uma *fase apocalíptica*, assim definida pelos historiadores do Cristianismo, por aqueles que pesquisaram o processo do advento e propagação do Cristianismo em nosso mundo; e continuam estudando até hoje, descobrindo novos materiais de estudo, novas inscrições, novos documentos, que

possam ir esclarecendo, pouco a pouco, como nasceu e se propagou o Cristianismo.

O que se sabe em definitivo, desde as pesquisas de Renan até as atuais, é que na era apocalíptica, houve pelo menos uma centena de apocalipses, ou mais, que se propagaram por toda a Judéia. Todos eles referiam-se a fatos espantosos, a calamidades terríveis, que iam abater-se sobre Jerusalém, sobre a Cidade Santa, sobre a Terra, e iriam transformar o mundo. Entretanto, o Apocalipse de João foi o que mais sobressaiu, por ter sido aquele que o recebeu uma figura exponencial do Cristianismo nascente e um apóstolo que nos mostrou, principalmente pelo seu Evangelho (O Evangelho segundo João) a grandeza do seu Espírito e, ao mesmo tempo, de sua inteligência.

Por ser, portanto, proveniente de um Espírito dessa envergadura, o Apocalipse de João foi considerado, muito especialmente pelos cristãos, como um documento importante da profecia messiânica, que começou com o advento de Jesus Cristo. Não obstante, os historiadores do Cristianismo acham que este Apocalipse se refere, particularmente, à época do Império Romano. Toda a destruição que viria, toda a modificação que surgiria, estava sendo profetizada com referência à queda do Império. Por que? Porque a queda do Império era a morte de um mundo antigo, em que toda a civilização se assentava nos princípios da força e da violência, não obstante as tinturas de racionalismo e de direito que lhe foram dadas por gregos e romanos.

Esse mundo bárbaro, de matanças brutais, de lutas fratricidas, iria morrer. Haveria a sua destruição total. E sobre ele, um novo mundo iria nascer. Como disse Victor Hugo, no prefácio de sua peça teatral Cromwel, “iria nascer um novo mundo, que surgiria do cadáver do antigo”. Ora, esse novo mundo que ia surgir é considerado, no Apocalipse, como a nova Terra e o novo Céu, que vão aparecer. Realmente, apareceram uma nova Terra e um novo Céu, com o advento do Cristianismo.

Mas esse pequeno trecho encerra um símbolo bastante importante para nós, quando vemos que João queria ajoelhar-se aos pés do anjo revelador, do anjo que diante dele se apresentava

e que ele considerava como emissário direto do próprio Cristo, ou como sendo o próprio Cristo. João queria beijar os pés daquele anjo e adorá-lo. E o anjo se recusou a toda adoração, dizendo-lhe que se lembrasse de que eram todos irmãos. Ele, o anjo, era irmão dos profetas, dos pregadores e de todos os que lutavam pela evolução espiritual do homem.

Essa frase, essa atitude do anjo, tem um sentido muito profundo, diante do esclarecimento espírita do problema, porque nos mostra aquilo que sempre o Espiritismo mostrou: que é preciso considerar Jesus, assim como os Espíritos Superiores, por mais elevados que sejam, não como representantes do próprio Deus, ou como sendo parte de Deus, mas sim, como nossos irmãos maiores, nossos irmãos mais evoluídos.

A transição da Terra

“Li, em livros, que o eixo magnético da Terra e o eixo geográfico estão se aproximando, para se unificarem, e que em cada cem anos há aproximação de dois graus, entre os dois pólos, Norte e Sul. Eu recebi uma explicação, de um professor espírita, de que no momento em que os eixos geográficos e magnéticos da Terra se encontrarem, entraremos no ano 1989, havendo então grandes modificações na estrutura física da Terra, seguidas de terremotos, maremotos, e será o momento em que a Terra iniciará nova evolução, dando fim à era de expiação, passando a Planeta de Regeneração, e quem não conseguir atingir a moralidade e a intelectualidade suficientes, para acompanhar esse novo ritmo de vida, será transmigrado para um planeta inferior e viverá nesse planeta até que consiga superar esta imperfeição, dando fim à era de expiação, passando a Planeta de Regeneração, para dar prosseguimento à sua evolução. Acontecerá como aconteceu com o Planeta Capela, no passado. Essa explicação que recebi é verdadeira, professor?”

A explicação que o senhor recebeu está confusa, misturando elementos que não se ajustam ao Espiritismo. O problema das modificações do eixo da Terra é um problema de ordem astronômica e geológica. É um problema que não pertence ao Espiritismo. Espiritismo é a ciência do Espírito. Essa determinação precisa, do ano de 1989, para que se iniciem catástrofes geológicas terríveis, que marcarão indícios do fim do mundo, em nosso planeta, é uma dessas profecias apocalípticas que, através dos tempos, vêm se anunciando e, na verdade, correspondem apenas a processos imaginativos.

É verdade que o planeta vai passar e está passando de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração. Mas essa transição, como todas as transições importantes que se efetuam na Natureza, processa-se de maneira lenta, através das leis naturais. O senhor encontrará no livro *Obras Póstumas*, de Allan Kardec, uma explicação muito interessante sobre esse problema. Quando se falava sobre a transição da Terra, Kardec perguntou aos Espíritos se realmente teríamos que passar por grandes catástrofes geológicas nessa transição. E os Espíritos lhe responderam: Não. Catástrofes geológicas não, porque elas

ocorreram naquelas proporções diluvianas, de que nos fala, por exemplo, a Bíblia. Elas ocorreram, realmente, até mais intensas, mais profundas, mais terríveis, quando o planeta ainda não estava consolidado, quando o mesmo estava na fase de formação.

Atualmente, a Terra é um mundo consolidado, na sua estrutura. Um mundo que amadureceu e que está se desenvolvendo, no sentido de prosseguir no caminho do seu aperfeiçoamento. Haverá, isto sim – responderam os Espíritos a Kardec –, grandes catástrofes morais, que abalarão os povos, que sacudirão as nações. Essas catástrofes nós estamos vendo agora mesmo, diante de nossos olhos, no mundo inteiro. Esta profecia, sim, realmente se realizou.

As profecias apocalípticas, referentes a essas catástrofes tremendas, decorrem de processos puramente imaginativos. Basta lembrarmos o seguinte: quando o nosso mundo se aproximava do ano 1000, da Era Cristã, muitas pessoas se suicidaram. Houve verdadeiros processos cármicos entre os povos, não provocados por catástrofes, mas pela ignorância e desespero humanos, porque anunciavam que, do ano 1000 a Terra não passaria. E já passou.

Agora, revocam-se essas lendas. E criam-se novos temores, devido à proximidade da passagem para o ano 2000. Não chegaremos, todos, até ele, mas muitas das pessoas aqui vivas na Terra chegarão. E verão que tudo transcorreu de maneira tranqüila, serena, através dos processos naturais da evolução. Como Kardec ensinou, o mundo evolui através das sucessões das gerações. As gerações que libertarão a Terra dos sistemas errôneos da vida irão desaparecendo, naturalmente. Outras gerações vão surgindo, com novas idéias. Herdeira da cultura adquirida das gerações anteriores, trazem dentro de si mesmas (porque se constituem de Espíritos reencarnados) aptidões bastante desenvolvidas, para renovarem a cultura da Terra e auxiliarem a sua transformação, em todos os sentidos.

Essas gerações, as gerações humanas, construirão na Terra um novo mundo. E, na verdade, já o estão construindo. Nós vemos ao nosso redor que o mundo antigo está em derrocada. A civilização envelhecida está em processo de morte, de agonia,

porque uma civilização nova vai surgir. Mas esta civilização nova não surgirá sob o alvorecer das novas gerações, pois estas é que terão a responsabilidade de construir um mundo novo na Terra.

Não se impressione, caro ouvinte, com essas afirmações. Ninguém na Terra está em condições de fixar data para uma grande catástrofe. É verdade que existe o dom da profecia. Mas existem limites para esse dom. E no tocante ao problema da evolução terrena, de acordo com a Doutrina Espírita, todas essas ameaças são simplesmente imaginárias e absurdas.

Eu quero oferecer ao senhor um exemplar de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Nesse livro, o senhor poderá estudar com firmeza e clareza, o processo da evolução da Terra.

Notas:

- ¹ Tropismo (s.m. - Do lat. Cient. *tropismus*, pelo ingl. *tropism*.) – Orientação de crescimento apresentada pelos órgãos vegetais em resposta a diversos estímulos unilaterais, físicos (luz, gravidade) ou químicos (umidade, presença de certos íons, etc.) – Grande Enciclopédia Larousse Cultural. Nova Cultural Ltda., 1998.
- ² Xifópagos, adj. e s.m. pl. – Diz-se de gêmeos que nascem ligados desde a parte inferior do esterno até o umbigo; o mesmo que teratópagos; diz-se de, ou pessoas estreitamente unidas por inclinação e temperamento ou conveniência.